



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MUAY THAI: A PROFISSÃO E A ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA
NA LUTA PELA LUTA**

Marilia Dutra Hübner

Porto Alegre, 2018.

Marilia Dutra Hübner

Muay Thai: a profissão e a estratégia de viver a vida na luta pela luta

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carmem Ligia Iochins Grisci

**Porto Alegre
2018**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo suporte.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela formação.

Agradeço à professora Carmem pela orientação e inestimável conhecimento compartilhado.

Agradeço especialmente aos participantes da pesquisa pelo tempo e vida compartilhados.

E à comunidade do muay thai gaúcho, que hoje é parte da minha estratégia.

RESUMO

O muay thai é uma arte marcial milenar tailandesa que hoje se apresenta como categoria desportiva de luta profissional. Este estudo perguntou acerca de como se apresenta o muay thai enquanto profissão e a estratégia de viver a vida de lutadores do Rio Grande do Sul, considerando a perspectiva do trabalho imaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005; Grisci, 2008) em meio à sociedade de consumo ou sociedade líquido-moderna (Bauman, 2008b; 2009). Realizou-se uma pesquisa exploratória qualitativa em que participaram treze lutadores profissionais de muay thai, dois organizadores de campeonatos e um treinador de equipe de competição. A coleta de dados se deu a partir de fontes documentais, observação assistemática e entrevistas individuais semiestruturadas. A análise do conteúdo se deu a partir do referencial teórico pertinente. Os resultados apontaram um conjunto de estratégias de viver a vida - em busca de superação; com base no “três em um”; em constante autoexame e autocrítica; com uma “carta na manga” – que, articuladas, dizem das estratégias de viver a vida na luta pela luta.

RESUMEN

El muay thai es un arte marcial milenaria tailandesa que hoy se presenta como una categoría deportiva de lucha profesional. Este estudio inquirió la manera por la que se presenta el muay thai en cuanto profesión y estrategia de vivir la vida en relación con los luchadores de Río Grande del Sur, llevando en consideración la perspectiva del trabajo inmaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005; Grisci, 2008), en medio a la sociedad de consumo, o sociedad líquido-moderna (Bauman, 2008b; 2009). Se realizó una pesquisa exploratoria cualitativa en la que participaron trece luchadores profesionales de muay thai, dos organizadores de campeonatos y un entrenador de equipo de competencia. La recolección de datos se dio a partir de fuentes documentales, observación asistemática y entrevistas individuales semiestructuradas. El análisis del contenido fue realizado a partir del referencial teórico pertinente. Los resultados apuntaron, por lo tanto, estrategia de vivir la vida - convistas a la superación; con base en el “tres en uno”; en constante autoexamen y autocrítica; “con un as en la manga” - como estrategias de vivir la vida en la lucha por la lucha.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
1.1	OBJETIVO GERAL.....	9
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
2.	REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1.	VIDA LÍQUIDO-MODERNA	11
2.1.1	Sociedade líquido-moderna e vida líquida	12
2.2.	ESPORTE, TRABALHO IMATERIAL E ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA 16	
2.2.1	Trabalho imaterial.....	17
2.2.2	Trabalho na sociedade líquido-moderna.....	20
2.2.3	Esporte e estratégia de viver a vida	25
2.2.3.1	Artes marciais e estilo de vida	28
3.	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	32
3.1.	MÉTODO	32
3.2.	PARTICIPANTES DA PESQUISA	32
3.3.	COLETA DE DADOS	34
3.3.1	Fonte documental.....	34
3.3.2	Observação assistemática.....	35
3.3.3	Entrevistas individuais semiestruturadas	36
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
4.1.	LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE	39
4.1.1	Lutas de ringue, luta em pé e contato pleno – regras de competição .	40
4.2.	MUAY THAI DESPORTIVO	43
4.2.1	Muay thai na Tailândia	46
4.2.2	Tradições e rituais tailandeses.....	49
4.3	MUAY THAI NO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL	51
4.3.1	Estabelecimento	52
4.3.2	Ensino e treinamento.....	54
4.3.3	Regras de competição	55

4.3.4	Graduações e rituais	58
4.4	MUAY THAI: A PROFISSÃO E AS ESTRATÉGIAS DE VIVER A VIDA	60
4.4.1	Competições	60
4.4.2	Lutadores profissionais	66
4.4.3	Estratégias de viver a vida na luta pela luta.....	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	81
	APÊNDICES	85

1. INTRODUÇÃO

O bem mais valioso da humanidade é a vida, e o propósito da existência dos esportes não é outro senão o incremento da qualidade de vida. Um espetáculo desportivo, além de promover interação coletiva, incentiva a prática e gera benefícios emocionais a quem assiste e participa, funcionando como mecanismo de descarga das tensões existenciais provocadas pela vida urbana. Sendo assim, o esporte gera riquezas imateriais, como saúde e bem-estar social (Padilla, 2012), o que insere a atividade nesta área na noção de trabalho imaterial, o qual, na produção de bens intangíveis, como bem-estar, interação humana, entretenimento, demanda a subjetividade do trabalhador (Lazzarato e Negri, 2001).

Padilla (2012) afirma que, dentre os esportes de grande popularidade mundial, as lutas e artes marciais¹ se encontram em ascensão nas últimas décadas. O autor ainda destaca que os esportes de combate tendem a superar até mesmo o futebol, haja visto seu menor teor de abstrações da realidade e sua forma desportiva de fácil e rápida *degustação*: os combates duram apenas alguns minutos e qualquer movimento dos participantes pode ser decisivo. Nesse ponto, os esportes de luta são propriamente compatíveis com a velocidade e a intensidade experimentadas atualmente na sociedade líquido-moderna, onde, conforme Bauman (2009, p.7), “as condições sobre as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” e a principal inquietação é com o que pode ser consumido instantaneamente (Bauman, 2009).

Uma das artes marciais que tem se tornado bastante expressiva no Brasil é o *muay thai*², também conhecido como boxe tailandês. Na sua atual regulamentação desportiva, é uma modalidade de luta de ringue em que se aplicam golpes de socos, chutes, joelhadas e cotoveladas; também se utilizam técnicas de defesa, clinche (luta agarrada) e queda (Confederação de Muay Thai do Brasil, 2015). O muay thai é bastante popular pela contundência de seus golpes e sua eficácia também enquanto técnica de defesa pessoal. Apesar do crescente número de adeptos e da grande demanda da modalidade nas academias, o muay thai profissional no Rio Grande do Sul ainda encontra severas dificuldades: há carência de incentivo público e investimento privado; os

¹ Para fins do presente estudo, o termo *luta* referir-se-á, de maneira geral, a qualquer técnica ou modalidade de luta, combate corporal, defesa pessoal ou autodefesa, englobando tanto as *artes marciais* quanto os *esportes de luta*. Far-se-á diferenciação específica destes termos doravante neste texto.

² Referir-se-á ao muay thai como *luta*, *arte marcial*, *esporte* ou *técnica de combate*.

campeonatos são predominantemente pequenos, de estrutura rudimentar e organização precária; as *bolsas*³ oferecidas aos lutadores⁴ são insatisfatórias; raros eventos conseguem atrair interesse da grande mídia ou são televisionados; ainda, uma série de questões legais e burocráticas intimida a frequência de ocorrência dos campeonatos, que algumas vezes chegam a ser cancelados nas vésperas. Nesse contexto, um lutador profissional de muay thai dificilmente consegue obter sustento e estabilidade financeira apenas lutando, raros conseguem patrocínio pessoal, quanto menos em dinheiro, e as bolsas que recebem, em geral, não cobrem nem mesmo os custos de preparação para a luta. Diante desta situação, muitos complementam sua renda exercendo outras atividades: alguns dão aula em academias, outros saem totalmente da área do esporte e exercem atividades mais tradicionais, tem outra profissão ou emprego regular. Mas ainda assim não podem se distanciar da rotina diária de treinamento, preparação e cuidados com a alimentação, além de todo engajamento psicológico e emocional inerentes ao desporto, especialmente numa atividade tão solicitante como é a arte marcial.

Estas são questões imprescindíveis do cotidiano do lutador profissional, que o acompanham mesmo fora dos ringues, para além das horas e local de treino. O envolvimento da *persona* do lutador com sua atividade, característico do trabalho imaterial (Lazzarato e Negri, 2001), frequentemente acaba por confundir a esfera da vida pessoal com a esfera do trabalho, muitas vezes, conforme afirma Gorz (2005), por sobreposição do valor econômico à individualidade, ou ainda, como ressalva Giddens (2002), por legítima interseção de interesses e competências que compõem o estilo de vida do indivíduo. Também, o modo de viver e as pressões individuais da vida na sociedade líquido-moderna acentuam esta dissolução de fronteiras e inversão de valores, uma vez que a efemeridade experimentada na vida acelerada, em que o ritmo de mudança social é muito mais intenso do que o conhecido em períodos anteriores (Giddens, 2002; Bauman, 2009), provoca medo da obsolescência, medo de “ficar para trás” fazendo com que os indivíduos sintam necessidade de *ter, fazer e ser* tudo ao mesmo tempo,

³ *Bolsa* é o nome usual para remuneração paga ao lutador pela luta.

⁴ A prática do muay thai abrange um público muito variado, por isso, para fins deste estudo, fez-se a diferenciação dos praticantes como: *praticante*, referindo-se a qualquer pessoa que pratique a modalidade; *aluno*, referindo-se a qualquer praticante que treine sob instrução ou supervisão de instrutor, professor, mestre etc.; *lutador, atleta, competidor* ou *desportista*, referindo-se a qualquer praticante que participe de competições; *esportista*, referindo-se a qualquer praticante que não participe de competições.

A despeito de qualquer formalidade conferida por graduação ou experiência, é usual chamar de *professor* a qualquer pessoa que dê aulas de muay thai e/ou lidere equipe; o professor envolvido em preparação de atletas para competições é também chamado *treinador*. Os dois termos serão empregados indiscriminadamente neste texto.

embora sempre preparados para a possibilidade iminente de desapegar do que está estabelecido e mudar tudo bruscamente (Bauman, 2009).

Portanto, visando melhor entendimento da situação do muay thai no Rio Grande do Sul, interessa contextualizar a profissão do lutador na sociedade líquido-moderna (Bauman, 2009) e entender a situação da luta profissional como estratégia de viver a vida - as batalhas travadas fora dos ringues. Os benefícios *fitness* do muay thai, que emagrece e fortalece os músculos, já são bem populares entre os amantes da boa forma; porém, pouco se sabe sobre os bastidores da luta profissional e seus desdobramentos na vida. Assim, a pertinência deste estudo reside em elucidar questões sobre o muay thai profissional, a fim de servir de base para futuros estudos e análises das dificuldades e potencialidades da luta; conscientizar lutadores, organizadores de eventos, patrocinadores, público e demais envolvidos sobre a situação presente e servir de apoio para tomada de decisões no meio desportivo. Motivado a contribuir com uma visão e informações que possam ajudar no desenvolvimento do esporte - primeiramente como profissão, então como entretenimento e investimento - este estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: **como o muay thai se apresenta enquanto profissão e estratégia de viver a vida para os lutadores do Rio Grande do Sul?**

1.1 OBJETIVO GERAL

Visando responder à questão de pesquisa, o presente estudo se orienta sob o objetivo principal de:

- Apresentar o muay thai enquanto profissão e a estratégia de viver a vida dos lutadores.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar o muay thai considerando as peculiaridades relativas à Tailândia;
- apresentar o muay thai considerando as peculiaridades relativas ao Brasil/Rio Grande do Sul;

- analisar o muay thai como profissão e estratégia de viver a vida, considerando a realidade presente e as possibilidades futuras.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo apresenta uma revisão das teorias sob as quais o problema da pesquisa é abordado. Basicamente, discorre sobre o estilo de vida praticado na sociedade de consumo ou sociedade líquido-moderna (Bauman, 2008b; 2009), ou alta modernidade (Giddens, 2002), e o trabalho imaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005; Grisci, 2008).

2.1. VIDA LÍQUIDO-MODERNA

O cotidiano dos lutadores de muay thai é permeado por incertezas em vários aspectos. Sofrem desde insegurança profissional, por não haver garantias sobre a frequência em que conseguirão lutar, a insegurança nas suas relações, pela frequente troca de equipe e até mesmo pela indisposição de familiares e amigos em aceitar seu estilo de vida. Também sua identidade como indivíduo está à prova a cada combate: no mundo da luta não existe segundo colocado, apenas o vencedor e o derrotado. Este cenário de instabilidade está propriamente contextualizado na sociedade líquido-moderna, a qual apresenta intensa e constante mudança de circunstâncias e exige de seus membros velocidade de ação e adaptação a estas (Bauman, 2009). Bauman (2009) chama de *vida líquida* a vida vivida em condições de incerteza e insegurança, na qual pouco se consolida e pode ser considerado confiável; tudo e todos que não são capazes de acompanhar o ritmo das mudanças, que não obtêm sucesso, que perdem sua utilidade, que se deixam *ultrapassar*, são considerados descartáveis e seu destino é a pilha de lixo (Bauman, 2009). A concepção de *vida líquida* adotada contemporaneamente passa pelo entendimento das transformações sociais, culturais e econômicas que resultam na sociedade líquido-moderna.

2.1.1 Sociedade líquido-moderna e vida líquida

A decadência do fordismo representou não só o declínio de um modelo econômico, como também um colapso de organização social com a crise do *welfare state* - o chamado *compromisso fordista*, baseado em pleno emprego, previdência social etc. não encontrava mais espaço (Kremer e Faria, 2005). O enfraquecimento das relações de emprego estimulou o crescimento do setor de serviços e a perda da estabilidade financeira e profissional provocou diversas mudanças no estilo de vida dos indivíduos, dentre outros motivos, pelo estabelecimento de incertezas em relação ao futuro e implementação de novas formas de experimentação de tempo e espaço, implicadas pela exigência de intensidade e velocidade de acontecimentos (Bauman, 2009; Alberto, 2011).

Em decorrência disso, a modernidade é marcada pelo surgimento de novas formas de sociabilidade e de comportamento (Alberto, 2011). Bauman (2008b) afirma que a história da humanidade, sob certo ponto de vista, pode ser considerada “uma longa marcha rumo à liberdade pessoal e à racionalidade” (p.81) e que a humanidade em geral passou gradualmente da sociedade de produção para a sociedade de consumo, houve um processo de fragmentação da vida humana e as sociedades foram individualizadas (2008b; 2011). Neste contexto, com a mudança de valores, a busca por uma identidade individual se tornou o tema central da vida na sociedade ocidental.

Giddens (2002) utiliza o termo *modernidade* remetendo ao mundo industrializado e capitalista, em que as instituições de vigilância se estabelecem por meio do uso da informação para coordenar a vida social; de maneira geral, o autor se refere “às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto” (p.21). Semelhante à concepção de *liquidez-moderna* de Bauman (2009), Giddens (2002) chama de *alta modernidade*, *modernidade tardia* ou ainda *pós-modernidade*, o mundo em que se vive atualmente, de cultura globalizada, em ritmo intenso de mudanças, repleto de riscos sociais e oportunidades sem precedentes, em que a autoidentidade ou expressão da identidade individual é continuamente exigida de seus membros e tem valor predominante na sociedade.

Em tempos *pré-modernos*, sequer era considerado o caráter de diferenciação que é hoje atribuído ao *indivíduo* (Giddens, 2002); porém, na sociedade líquido-moderna (Bauman, 2009),

ou alta modernidade (Giddens, 2002), a individualidade é bastante prezada e existe uma pressão sobre os sujeitos para que expressem sua singularidade ante aos demais. Exige-se tacitamente que cada um *seja um indivíduo*, com uma identidade particular que o define e o difere dos outros (Bauman, 2009), sendo dotado de “caráter único e potencialidades sociais” (Giddens, 2002, p.74).

Para Bauman (2009) e Giddens (2002), individualidade significa ser autêntico, ser fiel e verdadeiro consigo mesmo, agir sem influência de tensões e pressões do mundo externo, se desvencilhando de tudo que não é genuíno, de tudo que é impelido de fora para dentro – muito embora, segundo Campbell (2005), a expressão da identidade individual seja limitada pela condição imprescindivelmente social da natureza humana, sempre dependente do contexto social em que se desenvolve. Giddens (2002) afirma que a autenticidade é uma referência para a realização pessoal e libertar-se das dependências extrínsecas é encontrar-se, é ser feliz. Assim, de acordo com Bauman (2009), a busca da felicidade é o propósito supremo da vida individual e, segundo Giddens (2002), a expressão da identidade é condição indispensável para se atingir esse objetivo.

A busca da felicidade encontra respostas na sociedade de consumo como meio de revelar a identidade individual (Bauman, 2009), pois o prazer e o estímulo proporcionados pelas experiências de consumo faz o indivíduo se sentir vivo, expressando “o verdadeiro eu” através de suas escolhas e preferências (Campbell, 2005). Segundo Lipietz (1991), esse modelo de sociedade é herança pós-guerra do fordismo, que apresentou ao mundo o *american way of life*, com a relação de produção e consumo em massa crescentes, em um modelo produtivista e hedonista centrado no aumento generalizado do consumo de mercadorias como forma de satisfação pessoal. Tendo isto somado ao declínio dos valores de pertencimento, as pessoas já não se identificam simplesmente através do seu papel na comunidade, do que produzem, do lugar em que vivem ou do status que ocupam (Campbell, 2005; Bauman, 2009; 2011), pois estes são mero reflexo da representação de construções e instituições sociais imprecisas, questionáveis e mutáveis, incapazes de expressar “a existência do ser” de maneira plena e satisfatória, de fazê-lo se sentir verdadeiramente *persona*⁵ (Campbell, 2005). Giddens (2002) afirma que a diferenciação da divisão do trabalho na sociedade ocidental moderna colocou o indivíduo no centro e lhe

⁵ Palavra italiana derivada do latim *personare*, que significa “soar através de”; designa a expressão do comportamento de um indivíduo de acordo com a impressão que deseja criar quando interage com outros. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Persona_\(teatro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Persona_(teatro))

aufereu papel de sujeito ativo: é responsável por seus méritos e fracassos, escolhas e atitudes, e está no comando do curso de sua vida, não sofrendo mais o determinismo da comunidade local. Recai então sobre ele a pressão de mostrar ao mundo quem é (Bauman, 2009), se identificando e se expressando através de seu padrão de consumo: o que, o quanto e como consome.

Bauman (2009, p.36) afirma que o anseio pela singularidade é o propulsor da produção e consumo massivos e para colocar este anseio “a serviço do mercado de consumo de massa (e vice-versa) uma economia de consumo também deve ser uma economia de objetos de envelhecimento rápido, de obsolescência quase instantânea e veloz rotatividade”. Esta é uma maneira da sociedade de consumo tornar permanente a insatisfação e, assim, o desejo do consumidor, mantendo-o sempre ávido pelas novidades que prometem aperfeiçoamentos. E estas promessas são bastante oportunas visto que, conforme afirma Campbell (2005), o consumidor possui a capacidade – pode-se dizer, a tendência – de sempre imaginar uma experiência de consumo superior àquela já vivida, não importando o quão boa tenha sido. Sempre se deseja a versão perfeita da realidade presente e isto intensifica o anseio pela novidade frente ao relativo desinteresse pelo que já é conhecido (Campbell, 2005).

Então, além da necessidade de se criar uma identidade individual, ainda há a preocupação em constantemente redefini-la, a fim de não se deixar ficar “ultrapassado” numa sociedade que se “renova” e se “atualiza” continuamente (Bauman, 2009). Campbell (2005) afirma que a expressão da individualidade é um processo de transformação sem fim, o que corrobora com a ideia de Bauman (2005) que diz haver um constante desejo de se refazer a si próprio. Segundo Giddens (2002), mesmo o que se apresenta mais firmemente estabelecido, seja em termos de conhecimento científico ou de hábitos e práticas cotidianas, pode sofrer brutas transformações repentinamente, e o que se aceita como verdadeiro está sempre aberto a revisões e sujeito a ser abandonado. O que entra e sai de moda, o que se considera correto, bonito, saudável, agradável etc. muda tantas vezes e tão rapidamente ao longo da vida, sugerindo que se “mude de vida”, que se “consuma” estilos e formas de viver diferentes, cada vez “melhores”, mais atuais (Bauman, 2011). Assim, a maratona pela busca da individualidade, com suporte do mercado de consumo, “extraí sua urgência e ímpeto do terror que todos têm de ser ultrapassados, absorvidos e devorados pela multidão de corredores que respira pesadamente a suas costas” (Bauman, 2009, p.37).

As condições de instabilidade e a inconstância dos acontecimentos provocam a sensação de se estar em um ambiente submerso em efemeridade, onde nenhuma situação é duradoura, tudo é passível de extinção ou mudança sem avisos, até mesmo as relações interpessoais - “há pouco no mundo que possamos considerar sólido e confiável” (Bauman, 2008a, p.115). Bauman (2009) explica que a velocidade é priorizada ante a duração: conquistas pessoais ou relações sociais de qualquer tipo não devem se solidificar e se tornar permanentes, a fim de esmaecer e sumir de forma indolor, cedendo lugar às próximas. Propaga-se o sentimento de que nada merece comprometimento de longo prazo, assim, “livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las” (Bauman, 2009, p.8) e a ênfase está no desapego para que facilmente se suceda um reinício, um novo começo de uma nova fase, uma situação diferente ou mesmo novas relações.

A “leveza” e “fluidez”, que tais circunstâncias requerem, remetem a uma propriedade dos líquidos, os quais, não possuindo forma fixa, são capazes de se adaptar facilmente a seu recipiente. Por isso é chamada *vida líquida* a forma de viver numa sociedade em que “as condições sobre as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”, a sociedade líquido-moderna (Bauman, 2009, p.7). A vida líquida é vivida em condições de incerteza e por isso é precária (Bauman, 2009). Os indivíduos não vivem em busca de um estado permanente de satisfação, no anseio da conquista de um objetivo maior, o “pote de ouro no fim do arco-íris”. Os fins não são definidos de modo claro e consistente, então “se desvanecem e dissolvem mais depressa que o tempo necessário para atingi-los, são indeterminados, não confiáveis e comumente vistos como indignos de compromisso e dedicação eternos” (Bauman, 2005, p.25). O que move a vida aqui é somente o horror da expiração, dia após dia, fugindo da pilha de lixo (Bauman, 2009).

As massas vivem no presente e pelo presente, preocupadas com sua sobrevivência e satisfeitas em apenas sobreviver. A principal inquietação é com o que pode ser instantaneamente consumido, uma vez que, se tratando de uma sociedade de consumo, consumir se tornou a atividade central, pela qual se guiam também os valores predominantes (Campbell, 2005, p.19) e os membros deste tipo de sociedade “são obrigados a seguir os mesmíssimos padrões comportamentais que gostariam de ver obedecidos pelos objetos de seu consumo” (Bauman, 2008b, p.82). Portanto, o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos do mundo tem como parâmetro os objetos de consumo (Bauman, 2009), visto que “a atividade de consumir”

tornou-se uma espécie de padrão ou modelo para a maneira como os cidadãos das sociedades ocidentais contemporâneas passaram a encarar todas as suas atividades. Já que ... cada vez mais áreas da sociedade contemporânea são assimiladas por um “modelo de consumo”, talvez não seja surpreendente que a metafísica subjacente ao consumismo tenha se transformado, nesse processo, em uma espécie de filosofia-padrão de toda a vida moderna (Campbell, 2005).

Assim, o sucesso pessoal se resume em estar adequado para “consumir e ser consumível”. Invariavelmente, “ser indivíduo” custa muito dinheiro e em função disso, os sujeitos investem a maior parte de seu tempo e praticamente todo seu esforço na tentativa de ampliar os prazeres do consumo (Bauman, 2009), se engajando majoritariamente em suas atividades econômicas ou buscando se qualificar e “se rentabilizar” (Pelbart, 2000, p.34). O medo de ficar ultrapassado, perder sua utilidade e seu valor e, assim, ser “descartado”, por não corresponder a expectativas sociais, constrange os indivíduos a se desdobrar na tentativa de agir antes dos fatos e reagir eficientemente às mudanças, “correndo com todas as forças para permanecer no mesmo lugar” (Carroll [1872] ⁶ *apud* Bauman, 2009).

2.2. ESPORTE, TRABALHO IMATERIAL E ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA

Padilla (2012) define *esporte* como “atividade física onde regras criam uma alteração da realidade, voltada ao ganho emocional de quem participa ou assiste (...) e descarga da competitividade”. Assim, a função do esporte na sociedade é gerar qualidade de vida, proporcionando saúde e bem-estar social. Estes são motivos pelos quais eventos desportivos de grande estrutura, como Jogos Olímpicos ou Copa do Mundo de Futebol, se configuram em gigantescos acontecimentos sociais - promovendo convívio e união entre pessoas e nações – e conseqüentemente, se tornam notáveis fenômenos econômicos (Padilla, 2012).

Na produção de bens intangíveis, o trabalho na área do esporte se enquadra na categoria de trabalho imaterial; porém, por se tratar de uma atividade geradora de bem-estar, o trabalho do atleta muitas vezes é percebido como prazeroso e, portanto, *hobby*. E quando o desporto não representa grande valor econômico, dificilmente é respeitado como profissão, principalmente por

⁶ “Ora, aqui, você vê, é preciso de toda a velocidade de que você é capaz para ficar no mesmo lugar. Se quiser ir a outro lugar qualquer, terá de correr duas vezes mais rápido” de Alice no País dos Espelhos, de Lewis Carroll, 1872 (não especificado pelo autor).

leigos. Esta é uma das grandes batalhas do lutador profissional de muay thai: a estratégia de se expressar através da luta e afirmá-la como profissão, inventando seu modo de viver.

2.2.1 Trabalho imaterial

Entendido como “o conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas inerentes ao trabalhador” (Grisci, 2008, p.4), o trabalho imaterial tem como resultado produtos intangíveis como “sentimento de tranquilidade, bem-estar, satisfação, excitação, paixão”, pertencimento, conexão etc. (Pelbart, 2000, p.36), bem como informações, antecipação das necessidades dos clientes, cuidado, conforto, segurança (Grisci, 2008). Segundo Hardt e Negri (2005), o trabalho no setor de serviços, os trabalhos intelectuais e os cognitivos, em aspectos gerais, remetem ao trabalho imaterial. Porém, os autores indicam duas formas primordiais de concepção do trabalho imaterial: trabalho intelectual ou linguístico, como a solução de problemas e as expressões linguísticas, produzindo ideias, símbolos, imagens, textos etc. e trabalho afetivo, referente a **fenômenos corporais e mentais** que produzem ou manipulam afetos, ligados ao comportamento, personalidade e atitude do trabalhador.

O que define um tipo de trabalho como imaterial é a produção de bens imateriais, mesmo que ligados à materialidade de bens físicos e recursos tecnológicos (Pelbart, 2000). São profissões ligadas à informática, imagem, publicidade, **entretenimento** etc. que produzem informações, conhecimentos, imagens, serviços (Pelbart, 2000). Também é considerado imaterial por incidir sobre algo que é imaterial: a subjetividade humana (Pelbart, 2000, p.36). Assim, o trabalho imaterial é afetivo, pois atinge, recorre e mobiliza a inteligência, conhecimentos, conduta, gostos, opiniões, sonhos e desejos do público - ou seja, seus afetos. A subjetividade está concretizada nas formas de vida, nas maneiras de sentir, amar, perceber, imaginar, sonhar, fazer, habitar, alimentar-se, vestir-se etc. (Pelbart, 2000, p.37), e o produto do trabalho imaterial afeta a vida e também depende dela como fonte de criatividade; portanto, a produção de subjetividade é condição, conteúdo e resultado do trabalho imaterial, perpassando tanto o processo de trabalho quanto o seu produto (Pelbart, 2000, p.37).

O trabalho imaterial ganhou papel de destaque na economia pós-fordista uma vez que a maneira de viver em sociedade também estava sofrendo transformações: os cidadãos, que até então tiveram suas vidas estruturadas por processos institucionalizados, sem muita autonomia ou controle sobre o curso de suas vidas (Giddens, 2002), estavam ascendendo à “categoria” de indivíduos, cada um com uma identidade e estilo de vida pessoal, aptos a fazer suas próprias escolhas e responsáveis pelas consequências destas, “inventando” sua personalidade e desenvolvendo suas potencialidades sociais (Giddens, 2002). Com as peculiaridades do público em evidência, elevou-se a importância da interação com os clientes, que passou a ser fundamental uma vez que estes ganharam papel de agente ativo na produção: o consumidor já não era meramente um receptor passivo dos produtos, havia se tornado parte do processo de criação da mercadoria, a qual deveria corresponder particularmente às suas necessidades, desejos, valores e modo de viver (Lazzarato e Negri, 2001). Com tal integração entre produção e consumo, as relações de serviço se desenvolveram, diminuindo a atividade no serviço clássico, no interior da empresa, chão de fábrica etc. e aumentando o contato e relacionamento com o cliente (Lazzarato e Negri, 2001). Assim, a produção pós-industrial toma forma de construção e processo social, visto que a criação parte da interação e das relações sociais dos consumidores enquanto indivíduos no contexto da sociedade.

Iminentemente, na economia pós-fordista, a produção de bens duráveis se apresenta imbuída de trabalho imaterial através da comunicação social, uma vez que, ao despertar o desejo de consumo, ao se induzir à compra do produto físico, se conduz ao consumo de subjetividade: o que se vende na verdade são modos de vida (Pelbart, 2000); o interesse nos objetos é baseado na sua capacidade de prover experiências, as quais estimulem e proporcionem prazer, de alguma forma reafirmando e assegurando a identidade individual (Campbell, 2005, p. 19). A compra de um carro, por exemplo, envolve evidentemente a avaliação de suas especificações, seu funcionamento, aspectos físicos, etc., mas também se considera sobremaneira questões subjetivas quando se observa o anúncio deste produto - o status a ele atribuído; a classe social que representa; o padrão de consumo de quem compra; a idade, o comportamento, o estilo de vida de quem o dirige.

O trabalho imaterial da comunicação (criação de imagem, publicidade, propaganda) agrega conteúdo cultural, social e informativo ao produto (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001) e os meios de comunicação contemporâneos, mais do que apenas um reflexo social, se

constituem em grandes *formadores de realidade* (Lazzarato e Negri, 2002; Giddens, 2002). Porém, não apenas a utilização da comunicação social pelo marketing influencia as escolhas: visto que o ser humano é um ser social, sofre-se influência constante do meio; portanto, a expressão da individualidade através das preferências pessoais de consumo não foge de ser socialmente condicionada (Campbell, 2005) e, sendo assim, não é apenas fruto de indução artificial.

O produto, com a intervenção ativa do cliente, encontra-se em um estado permanente de evolução e sua concepção é um processo social de inovação (Lazzarato e Negri, 2001). Isso dificulta a definição de normas de produção dos serviços e o estabelecimento de medidas objetivas de produtividade (Lazzarato e Negri, 2001). Ou seja, a subjetividade impressa na carga imaterial do *produto serviço* (Lazzarato e Negri, 2001, p.44) o torna peculiar, pois depende diretamente das relações entre os indivíduos e seus afetos, não sendo possível definir e prescrever tarefas de maneira estrita para se chegar a um resultado preestabelecido (Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005). As habilidades e faculdades essenciais do fornecedor do trabalho imaterial são impossíveis de quantificar, formalizar, objetivar ou prescrever; são qualidades de comportamento, expressivas e imaginativas, seu envolvimento pessoal nas tarefas (Gorz, 2005, p.17).

Por estar intrinsecamente ligado à atividade criativa e comunicativa, o trabalho imaterial realça características pessoais do trabalhador, como iniciativa, domínio dos processos, tomada de decisões, cooperação, envolvimento afetivo e diálogo com clientes (Lazzarato e Negri, 2001). Portanto, a carga de alienação do trabalhador não se constitui como característico nesse tipo de trabalho, pois é o próprio trabalho imaterial que ativa a produção, seja na cooperação produtiva, seja nas relações sociais (Lazzarato e Negri, 2001). Então, o trabalhador se encontra intensamente absorto no processo de produção, empregando seus pensamentos, sociabilidade e criatividade (Lazzarato e Negri, 2001; Pelbart, 2000; 2003), qualidades que não são demandadas dos trabalhadores na produção material (Lazzarato e Negri, 2001; Pelbart, 2003; Gorz, 2005). Assim, frente ao que se apresenta no trabalho clássico, o nível de autonomia e responsabilidade do trabalhador no processo imaterial é aumentado. A atividade produtiva com maior grau de independência do sistema capitalista e o envolvimento subjetivo na produção, acentuados no trabalho imaterial propriamente dito, são definidos através da relação particular da produção com

seu mercado e consumidores, marcando distanciamento máximo do modelo taylorista (Lazzarato e Negri, 2001, p.45).

Observa-se assim que a força produtiva transferida predominantemente para o trabalho imaterial (Dal Rosso, 2006) revolucionou a relação do trabalhador com a produção (Lazzarato e Negri, 2001). No trabalho imaterial, a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual foi superada; a divisão entre concepção e execução é suprimida através do processo social enquanto fonte da criatividade - o que não denota que haja também supressão total ou parcial de outras formas de exploração, controle ou apropriação do trabalho imaterial (Lazzarato e Negri, 2001).

2.2.2 Trabalho na sociedade líquido-moderna

A tendência apresentada nas últimas décadas é o trabalho cada vez mais requisitar a subjetividade do trabalhador (Pelbart, 2000). Segundo Gorz (2005), no contexto pós-industrial de sobreposição do intangível, do imaterial, sobre o físico na agregação de valor à produção, o *saber* tornou-se a principal força produtiva. E este saber não se refere meramente ao conhecimento técnico, como domínio de habilidades e técnicas adquiridas formalmente, mas sim das qualidades subjetivas que formam o capital humano (Gorz, 2005). Mesmo nas profissões e atividades mais simples apenas a boa execução de tarefas mecânicas não é suficiente (Grisci e Cardoso, 2014), pois cada vez mais as atividades são voltadas ao relacionamento e atendimento aos clientes e compreensão de seus desejos e necessidades (Batista, 2011, p.17), e as empresas buscam também o envolvimento do trabalhador com as tarefas, não apenas sua execução automática. Então, o mercado de trabalho, no lugar de qualificações técnicas, passa a valorizar cada vez mais qualidades comportamentais, expressivas e imaginativas e o envolvimento pessoal do trabalhador nas tarefas - qualidades típicas do trabalho imaterial propriamente dito (Gorz, 2005; Lazzarato e Negri, 2001) – e agora a produção de subjetividade ocupa lugar central no processo produtivo (Pelbart, 2000).

Assim, os trabalhadores na sociedade líquido-moderna passam a ser requisitados a entrar no processo de produção com toda sua bagagem cultural não adquirida no trabalho ou em instituições de ensino técnico, mas em atividades nas quais desenvolveram sua vivacidade,

capacidade de improvisação e cooperação, como **esportes, lutas, disputas**, atividades musicais, teatrais (Gorz, 2005). “O capitalismo não tolera mais sujeitos burros, nem apáticos, nem isolados” (Pelbart, 2000, p.37), é necessário apresentar “capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar”, que fazem “parte da cultura do cotidiano” (Gorz, 2005, p.19), e empregar “sua personalidade, mobilidade, autonomia, decisão, coordenação, comunicação, capacidade de administração da própria atividade e da de outros” (Pelbart, 2000, p.37). É justamente o contrário daquilo que ocorria com os trabalhadores da indústria taylorista, que interiorizavam a cultura e o modo de trabalhar das organizações, e suas peculiaridades eram mantidas o quanto possível do lado de fora da fábrica (Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005).

Pelbart (2003) afirma que essa transformação no sistema de trabalho capitalista teve origem em parte nas críticas que se faziam contra as limitações e alienação no trabalho, o qual era majoritariamente prescritivo, automatizado, repetitivo e de autonomia baixa ou nula. O capitalismo, seguindo a tendência das diversas mudanças econômicas e sociais já em curso, de maneira oportuna, incorporou tais reivindicações, que hoje figuram como norma nos manuais de *management* dos executivos, mobilizando e pondo ao trabalho esferas antes imaculadas da vida dos trabalhadores (Pelbart, 2003, p.96). O mercado de trabalho passa então a exigir “uma dimensão criativa, imaginativa, lúdica, um empenho integral, uma implicação mais pessoal, uma dedicação mais afetiva” do trabalhador (Pelbart, 2003, p.96). Essa nova concepção do trabalho fica evidente na fala de Benselel (2001⁷ *apud* Gorz, 2005, p.17):

Os colaboradores da empresa fazem parte do seu capital (...). Sua motivação, sua competência, sua capacidade de inovação e sua preocupação com os desejos da clientela constituem a matéria primeira dos serviços inovadores (...). Seu comportamento, sua aptidão social e emocional têm um peso crescente na avaliação de seu trabalho (...). Este não mais será calculado pelo número de horas de presença, mas sobre a base dos objetivos atingidos e da qualidade dos resultados. Eles são empreendedores.

O vislumbre das prescrições do “novo *management*” (Lazzarato e Negri, 2001, p.25, grifo do autor) como uma conquista libertária do trabalhador perante o sistema capitalista (Pelbart, 2003) ameniza a tensão do caráter obrigatório do envolvimento pessoal no trabalho. As “regras” do capital foram internalizadas pelos indivíduos (Pelbart, 2000) que se preocupam e se ocupam agora em “se rentabilizar”, “se fazer render”, “fazer render o seu tempo” (Pelbart, 2000, p.34). Preocupados com a sua empregabilidade, em manterem-se “consumíveis” (Bauman, 2009), e assediados pela situação de instabilidade de emprego, insegurança contratual e ampla

⁷ BENSELEL, Norbert. *Arbeitszeit, Weiterbildung, Lebenszeit. Neue Konzepte*. Comunicação ao congresso internacional Gut zu Wissen. Fundação Heinrich Böll, Berlim, 2001.

concorrência, os indivíduos tornaram-se empreendedores de si mesmos, conforme também observa Alberto (2011), a fim de atender à demanda do mercado de trabalho. Gorz (2005, p.23, grifos do autor) afirma que:

A pessoa deve, para si mesma, tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige continuamente ser reproduzido, modernizado, alargado, valorizado. Nenhum constrangimento lhe deve ser imposto do exterior, ela deve ser sua própria produtora, sua própria empregadora e sua própria vendedora, obrigando-se a impor a si mesma constrangimentos necessários para assegurar a viabilidade e a competitividade da empresa que ela é.

O próprio indivíduo se cobra em ser profissionalmente atraente e não poupa esforços buscando corresponder às expectativas do mercado, investindo praticamente todo o seu tempo e dedicando o máximo de esforço nessa missão. Reservar tempo para atividades lúdicas, culturais, **esportivas**, etc. - que lhe proporcionariam momentos prazerosos na sua vida pessoal, porém sem utilidade profissional - soa como desperdício de tempo e esforço e chega até a gerar sentimento de culpa por não se estar fazendo “algo útil para o futuro”, “investindo na carreira”.

O investimento gratuito das capacidades individuais em atividades fora do trabalho e que em momento algum remeteriam a ele é chamado por Gorz (2005) de *produção de si*. Originalmente, a produção de si era a expressão de uma faceta íntima e intransferível do indivíduo, empenhada em atividades lúdicas, **esportivas**, culturais e associativas, em que o sujeito em si era a própria finalidade (Gorz, 2005); era comprometida apenas com o indivíduo e desprendida de qualquer estímulo ou constrangimento externo. Consistia de ocupações que subtraíam parte da vida à aplicação integral no trabalho, reservadas a esfera privada e pessoal, tendo maior importância atribuída para o indivíduo do que sua atividade profissional (Gorz, 2005).

Na vida líquida, o engajamento em atividades que não apresentam algum tipo de serventia para a vida profissional é cada vez menos frequente nos mais variados níveis socioculturais. Em outras épocas, era notavelmente mais frequente a dedicação na vida adulta a atividades artísticas, por exemplo, ou estudo de idiomas apenas como *hobby* ou lazer, sem pretensões econômicas ou profissionais, visando somente enriquecimento cultural. Agora a produção de si está a serviço do mercado, levando à submissão dos indivíduos a uma forma de *servidão voluntária* (Combes, 1998), em que nada lhes é imposto diretamente, mas por sua própria consciência se obrigam a fazê-lo (Gorz, 2005). Por espontânea vontade, desde a fase escolar, as pessoas buscam se familiarizar com o inglês, o espanhol, o alemão, o mandarim, não pelo prazer de poder ler um

livro ou assistir a um filme estrangeiro em seu idioma original, com toda a riqueza e peculiaridades que se perdem com as traduções – o que, para a mentalidade vigente, seria perda de tempo -, mas sim por ser atraente e necessário às oportunidades do mercado de trabalho.

Com o trabalhador “promovido” a empreendedor de si mesmo, recaem sobre ele diversas responsabilidades antes concernentes ao mercado. As empresas hoje podem se abster dos custos de formação, aperfeiçoamento, seguro-saúde, pensões etc. dos seus “colaboradores” (Gorz, 2005). Através de contratações flexíveis, compram seus serviços pelo preço da tarefa, podendo variar livremente o volume de trabalho demandado sem se preocupar, por exemplo, com a duração do trabalho ou com a concessão de indenizações (Gorz, 2005).

Segundo Gorz (2005, p.24), cada um é:

[...] responsável por sua própria saúde, por sua mobilidade, por sua adaptação a horários variáveis, pela atualização de conhecimentos. Cada um deverá gerir seu capital humano ao longo da vida [...] e compreender que a possibilidade de vender sua força de trabalho depende do trabalho gratuito, voluntário, invisível, por meio da qual ele sempre poderá reproduzi-la.

Sendo agora o próprio trabalhador uma empresa – a qual presta serviços a empresas maiores (Gorz, 2005) -, preocupações com formação, especialização, atualização e tudo mais que possa mantê-lo atraente e útil à organização, ao mercado em geral e à sua função, e até suas condições de desempenhar seu trabalho e de manter seu sustento financeiro pertencem a ele mesmo. A empresa tende a lhe oferecer o mínimo possível e se abster de todas as garantias que puder. Através de diversos tipos de contrato, o trabalhador assimila uma carga extra de compromissos: ele próprio deve se assegurar de estar capacitado para realizar determinadas tarefas, garantir que haja condições para sua execução, driblar ocasionais problemas de saúde, contornar questões pessoais e tudo mais que possa ocorrer, a fim de prestar seus serviços com o mínimo de ruídos possível, visto que não há espaço para intempéries. Ele arca sozinho com a responsabilidade do bom andamento e do resultado de seu trabalho, sem ter o que lhe assegure ou ampare.

Com a flexibilização dos contratos e das jornadas de trabalho permitindo às empresas controlar a distribuição das horas a trabalhar, a intensidade do trabalho e o volume de mão de obra empregada ajustado às suas necessidades, o tempo de trabalho tornou-se menos delineado, e, em vista de sua própria natureza, esta característica se acentua no trabalho imaterial. O trabalho agora radicalmente “liberto” dos horários legais se tornou “modulável no sentido de uma variação de sua efetividade e intensidade a qualquer momento” (Zarifian, 2002, p.26). “É o próprio sujeito

do trabalho que aciona a sua atividade e modula o espaço-tempo em que a realizará” (Bessi, 2011, p.44), o que supõe um forte compromisso por parte do trabalhador, pois “*ele deve por si mesmo se obrigar a fazê-lo*” (Zarifian, 2002, p.27, grifo do autor). Ao contrário do que sugere a diminuição ou a supressão do número de horas fixas de duração do trabalho, o tempo efetivo e a intensidade de trabalho aumentam (Dal Rosso, 2006; Grisci e Cardoso, 2014), pois fica atrelado à realização de tarefas e cumprimento de metas, que, embora tenham prazos, não dependem do tempo nem do momento de execução - estando inclusive “libertos” de um local específico de consecução por meio das novas ferramentas tecnológicas (Dal Rosso, 2006; Grisci e Cardoso, 2014). E o trabalhador, tendo “conquistado” maior controle, autonomia e responsabilidade sobre sua atividade, absorto em seu dever, se empenha intensamente em cumpri-lo.

Dal Rosso (2006) afirma que este aumento de intensidade pode ser percebido em

atividades financeiras e bancárias, telecomunicações, grandes cadeias de abastecimento urbano, sistemas de transportes, ramos de saúde, educação, cultura, **esporte e lazer** e outros **serviços imateriais**, o trabalhador é cada vez mais cobrado por resultados e por maior envolvimento no trabalho (Dal Rosso, 2006, p.73, grifo nosso).

A intensificação do trabalho é mais evidente quanto mais concorrido for o setor de atividade (Dal Rosso, 2006). No trabalho imaterial, além da indefinição da fronteira entre tempo de trabalho e de não trabalho e o limite espaço-temporal de sua realização, ainda pode haver a indefinição ou mistura de atividades de trabalho e de não trabalho quando houver interesses comuns às duas esferas. Sendo a própria subjetividade a fonte da criatividade do trabalhador, não é possível delimitar em que momento e em que lugar algo vai remexer seus afetos, lhe influenciar, emocionar ou inspirar. Não há como prever, determinar nem tampouco evitar que, da leitura de uma revista em quadrinhos ou da simples observação das nuvens através da janela de seu quarto, um publicitário vá ter uma ideia para seu novo comercial de shampoo.

Livres das amarras *espaçotemporais*, as tensões do trabalho podem acompanhar o trabalhador em qualquer momento, em qualquer lugar. Levando em conta também a condição de precarização do trabalho, o envolvimento subjetivo do trabalhador nas tarefas e a utilização de tecnologias que, diluídas no cotidiano, promovem controle integral (Pelbart, 2000), se considera a intensidade produtiva no trabalho pós-fordista aumentada, pois o trabalhador mobiliza todo o seu potencial para concretizar os objetivos da sua ocupação profissional, em qualquer situação, onde quer que esteja (Dal Rosso, 2006).

A exigência cada vez maior por resultados faz com que o trabalhador empenhe esforço físico e mental muitas vezes exaustivo no trabalho, acabando por acarretar danos à sua saúde (Dal

Rosso, 2006). A tarefa realizada por longos períodos, a pressão através da cobrança e do controle sobre a atividade, as exigências dos clientes etc. contribuem prejudicialmente à saúde do trabalhador, deixando marcas no corpo e na mente (Dal Rosso, 2006). A intensificação do trabalho, mesmo no trabalho imaterial, pode causar desde lesões físicas, como tendinites, a doenças psicossomáticas, como depressão e hipertensão (Dal Rosso, 2006). O esforço intenso e a falta de descanso provocam desgaste físico, emocional e psicológico que propiciam o desenvolvimento de um quadro de condições negativas para a saúde (Dal Rosso, 2006). A má qualidade do tempo de lazer e descanso, ocasionada pela indissociabilidade dos tempos de trabalho e de não trabalho, inclusive pela falta de engajamento em atividades de abstração, agravam a situação.

2.2.3 Esporte e estratégia de viver a vida

O medo de não ser útil, de ser “ultrapassado”, de cair em obsolescência, de não conseguir expressar sua individualidade, fracassar e ser abandonado, enfim, as diversas formas de medo experimentadas na sociedade líquido-moderna - em que as condições de ação dos indivíduos sofrem mudanças bruscas em ritmo intenso (Bauman, 2009) - compelem os indivíduos a se submeter aos valores do capital. Tal submissão não é imposta de cima para baixo, de maneira formal, mas é voluntária (Pelbart, 2000; Gorz, 2005), uma vez que o indivíduo adere subjetivamente a tais valores (Combes, 1998), internalizando suas regras, cooperando para se tornar rentável (Pelbart, 2000) e até mesmo compactua com os meios de controle e vigilância sobre sua atividade (profissional e privada, inclusive) através das tecnologias acopladas em sua vida, como celulares e computadores portáteis (Pelbart, 2000; 2003; Dal Rosso, 2006), os quais abrangem o lazer e o trabalho indiscriminadamente.

A busca por adequação aos padrões do mercado, para ser aceito e bem visto na sociedade, é uma pressão constante (Bauman, 2009). Num círculo vicioso, o indivíduo procura manter um padrão de consumo condizente com o estilo de vida adequado à sua profissão, classe e *status* social que deseja ostentar como manifesto de sua identidade individual (Pelbart, 2000; Campbell, 2005) - visto que a sociedade líquido-moderna é uma sociedade calcada em consumo, consumir e

ser consumível (Bauman, 2009). A manutenção de um padrão de consumo o remete novamente ao anseio pelo incremento da renda para aumentar sua capacidade de “expressão”, resultando em ocupação de ainda mais tempo de vida com o trabalho (Pelbart, 2000). Segundo Pelbart (2000, p.34), o indivíduo produz visando a satisfazer suas necessidades e desejos de consumo. Porém, em função disso, passa muito mais tempo se empenhando nos meios do que usufruindo de seus fins, pois seu tempo livre acaba sendo “investido em ganhar tempo” para trabalhar mais, e assim ter condições financeiras de adquirir “engenhocas para poder livrar-se das tarefas que lhe tomam tempo”, lhe sobrando ainda mais tempo para trabalhar (Pelbart, 2000, p.34). Ou seja, “para ter todo o tempo ele perde todo o tempo”, e assim “o tempo livre virou tempo escravizado” (Pelbart, 2000, p.34). Desse modo, a “perseguição de objetivos monetários” é capaz de alterar “os modos de uso e de definição do tempo e do espaço” (Harvey, 2002, p.209).

Segundo Hochschild (2003), o capitalismo é a força econômica mais importante da atualidade e se tornou um complexo sistema cultural, que afeta tudo a sua volta, acarretando consequências também para as relações sociais (Harvey, 2002; Bauman, 2008b; Frezza, Grisci e Kessler, 2009). Assim, conforme constata Hochschild (2003, p.209), ascende um novo quadro de relacionamento familiar:

Forces pulling workers out of family life and into the workplace are set into perpetual motion by consumerism. Consumerism acts to *maintain* the emotional reversal of work and family. Exposed to a continual bombardment of advertisements through a daily average of three hours of television (half of all their leisure time), workers are persuaded to “need” more things. To buy what they now need, they need money. To earn money, they work longer hours. Being away from home so many hours, they make up for their absence at home with gifts that cost money. They materialize love. And so the cycle continues⁸.

Frezza, Grisci e Kessler (2009, p.498) destacam trechos de uma entrevista em uma revista de negócios⁹ em que se denota a percepção de que pessoas desobrigadas de compromissos amorosos ou sociais, livres de laços afetivos etc. se adaptam mais facilmente ao ritmo do trabalho contemporâneo e se enquadram melhor no perfil flexível desejado pelas empresas, e a maioria dos profissionais se desgasta buscando o equilíbrio entre a vida privada e o trabalho. Superar o padecimento incorrido na tentativa de balancear as duas esferas e continuar produzindo mais e

⁸ Tradução livre: Forças tirando os trabalhadores da vida em família e os colocando no local de trabalho são postas em movimento perpétuo pelo consumismo. O consumismo atua para manter a reversão emocional de trabalho e família. Expostos a um bombardeio contínuo de anúncios em uma média de três horas diárias de televisão (metade do seu tempo de lazer), os trabalhadores são persuadidos a “precisar” de mais coisas. Para comprar o que eles agora precisam, eles precisam de dinheiro. Para ganhar dinheiro, trabalham mais. Estando tanto tempo longe de casa, compensam sua ausência com presentes que custam dinheiro. Eles materializam o amor. E assim o ciclo continua.

⁹ Mari, J. (2005, novembro). Há vida lá fora. *Revista Você S.A.*, 89, p.36-39.

melhor é uma condição de sobrevivência no mercado de trabalho percebida como natural e imprescindível, visto que não se pode fraquejar e ceder ante a concorrência feroz (Frezza, Grisci e Kessler, 2009). O empregado tem que estar preparado para assumir qualquer tarefa, reajustar suas inclinações de imediato, abandonar prioridades antigas e aderir novas, desimpedidos de obrigações que possam lhe travar (Bauman, 2008b).

Bauman (2008b, p.122) afirma que o uso corriqueiro das expressões “ter tempo”, “faltar tempo” e “ganhar tempo” demonstram “preocupação em igualar a velocidade e o ritmo do fluxo de tempo com uma intensidade de intenções individuais e um zelo por ações individuais”. A ausência de equilíbrio entre esforço e recompensa constitui uma grande aflição do indivíduo na experimentação da vida líquido-moderna, e a sensação de fracasso experimentada pela falta de tempo só é comparável àquela provocada pela falta de dinheiro (Bauman, 2008b).

A necessidade de *vencer na vida*, de se autossuperar constantemente em consonância com objetivos assumidos no trabalho, ou conforme os requisitos do mercado, faz com que os indivíduos invistam todo seu tempo em prol de um melhor desempenho profissional (Grisci e Cardoso, 2014). Ainda com a tendência a diminuição da jornada regular de trabalho e abolição do horário fixo, a preocupação do trabalhador com metas e prazos se torna uma constante, e o trabalhador passa a ser solicitado, de diversas formas, nas horas e locais de não trabalho (Rubery *et al*, 2005; Dal Rosso, 2006), estendendo assim a esfera da produção do “tempo de trabalho” ao “tempo de vida” (Lazzarato; Negri, 2001). Também, a exaustão causada pelo estresse no trabalho afeta a qualidade do tempo livre (Rubery *et al*, 2005, p.104), de modo que o trabalhador se sente menos disposto a investi-lo em seu lazer, em atividades familiares e sociais e ou na *produção de si*. Assim, esmaece a fronteira que separa vida pessoal e trabalho (Rubery *et al*, 2005): o estilo de vida fica a serviço das demandas do mercado, cada vez mais identificado com o estilo de se trabalhar; o emprego praticamente define a existência do indivíduo em função de frequentemente o valor econômico se sobrepõe (Gorz, 2005); e a profissão se projeta sobre a identidade individual. Contudo, esta dissolução de fronteiras não é meramente fruto da redenção ao capital, mas decorre também do fato das atividades exercidas fazerem parte das escolhas individuais, as quais compõem o estilo de vida adotado (Giddens, 2002). Um estilo de vida não se refere apenas à execução superficial do consumismo (Giddens, 2002; Campbell, 2005); ele também fornece ao sujeito meios de descobrir e desenvolver sua identidade intrínseca (Campbell, 2005). Para tal, a sociedade líquido-moderna oferece uma generosa gama de opções de padrões de comportamento

(Bauman, 2009) que possibilita ao indivíduo construir e expressar sua identidade através das suas escolhas (Giddens, 2002). Assim,

um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade (Giddens, 2002, p.79).

Em culturas baseadas na liberdade de escolha, alheias a padrões obrigatórios de comportamento outorgados por tradições sociais, as práticas cotidianas, os hábitos diários, a maneira de experimentar o mundo, relacionar-se, pensar, sentir, agir e ser, mesmo as pequenas decisões tomadas no dia a dia, constituem o estilo de vida adotado pelo indivíduo (Giddens, 2002). O padrão de consumo constitui uma forte expressão, ou ferramenta de expressão, do estilo de vida na sociedade líquido-moderna (Giddens, 2002; Campbell, 2005; Bauman, 2009); porém, o estilo de vida não se restringe à esfera das escolhas pessoais e privadas (Giddens, 2002). Uma vez que este se encontra iminentemente condicionado pelo nível econômico do sujeito, o estilo de trabalho apresenta importante correlação - ao mesmo tempo em que desenha as oportunidades de escolha dos modos de viver, também constitui uma escolha determinada em harmonia com o restante do conjunto (Giddens, 2002).

Rech (2015, p.14) observa que, “em um contexto líquido-moderno, em que imperam a instantaneidade, a fluidez e a descartabilidade em todas as esferas da vida, o estilo de vida pode tornar-se peculiar”. Assim, tendo a sociedade líquido-moderna enquanto pano de fundo, a articulação entre as oportunidades, escolhas e necessidades implicadas nos modos de viver constitui na verdade a invenção de possibilidades de vida (Deleuze, 1992). Portanto, ao se buscar condições favoráveis a consecução de um modo de viver, se recorre propriamente a uma *estratégia de inventar a vida*, compreendida neste texto, conforme Rech (2015, p.14), enquanto “um conjunto de ações que os indivíduos constituem enquanto elementos de composição da vida e associa-se (...) à noção de trabalho imaterial e à noção de estilo de vida ou modo de existência” (Rech, 2015, p.14).

2.2.3.1 Artes marciais e estilo de vida

Segundo Padilla (2012), a competitividade é inerente à vida, porém, a maneira de viver nas civilizações urbanas - a despeito do ritmo de acirrada competição social que a vida na sociedade líquido-moderna impõe a seus membros (Bauman, 2009) - sufoca a necessidade de competição do ser humano, pois oferece relativa segurança e conforto material, suprimindo a luta pela sobrevivência experimentada na natureza. Então, para extravasar tais emoções contidas e limitações da vida na complexa organização social presente, se criaram os esportes, atividades físicas controladas pela adaptação de regras que criam, distorcem ou simulam a realidade, voltadas ao ganho emocional de quem participa ou assiste e à descarga de competitividade (Padilla, 2012).

O redirecionamento de cargas emocionais para o esporte é evidente quando se observa o uso corriqueiro de expressões linguísticas que denotam sobrevivência, confronto ou luta corporal, mesmo em esportes que não são de combate: no próprio futebol, há a fase de *mata-mata* nos campeonatos, os times *lutam para sobreviver* nas competições, jogos acirrados são *grandes batalhas* e a equipe que se mostra muito superior em campo *dá uma surra* na adversária. Também o local onde ocorrem competições, em diversos esportes, são chamados de *arena*, remetendo às antigas arenas de combate de gladiadores.

A prática de esportes se divide em dois gêneros conforme sua finalidade principal: enquanto a *atividade esportiva* é lúdica, de regras flexíveis, objetivando principalmente a prática e o ganho emocional dos participantes, o *desporto* é um gênero qualificado pela rigidez nas regras de competição, e seus objetivos principais são a definição do vencedor e, sobretudo se tratando do desporto de alto rendimento, o *ganho emocional* de quem assiste (Padilla, 2012). O desporto, dividido entre amador e profissional, é estruturado por regimentos e estatutos de entidades reguladoras, as quais promovem o esporte e asseguram o respeito às regras, prevendo responsabilizações civis e até criminais aos praticantes (Padilla, 2012).

O futebol é o grande ícone da fenomenal mobilização social e econômica mundial que reflete os benefícios que o desporto de alto rendimento proporciona à civilização; e, apesar da má fama constantemente assediada pelas artes marciais, elas já são a segunda modalidade de atividade física mais praticada no mundo (Padilla, 2012). O MMA¹⁰, por exemplo, apresenta índice de

¹⁰ Conforme Nunes (2004, p.7), à “combinação de estilos distintos de luta dá-se o nome de Artes Marciais Combinadas ou *Mixed Martial Arts*, denominação norte-americana para essa prática”; difundida atualmente no Brasil também com o nome de Artes Marciais Mistas (MMA), o MMA é um conjunto de regras de combate que permite a

crescimento insuperável, e, nos últimos anos, a transmissão de lutas na televisão por vezes chega a ultrapassar a audiência de alguns campeonatos de futebol no Brasil (Padilla, 2012). Isso sinaliza a tendência das artes marciais a se tornarem o principal espetáculo esportivo do mundo (Padilla, 2012). E não é por acaso: esportes de combate apresentam menor carga de abstração da vida real em relação à maioria dos esportes como os jogos com bola, em que as regras proporcionam grande distanciamento da realidade (Padilla, 2012). Assim, o envolvimento do expectador com a luta ocorre mais facilmente, pois ela faz parte do mundo real (Padilla, 2012), remonta a instintos naturais, é anterior à civilização e aos esportes na vida do homem. Além da proximidade com a realidade, a maioria das artes marciais, em sua regulamentação desportiva atual, é mais adequada ao ritmo da vida na sociedade líquido-moderna - em que há clamor por velocidade e necessidade de consumo instantâneo (Bauman, 2009) - do que muitos dos esportes mais populares do mundo, pois, enquanto uma partida de futebol, por exemplo, dura no mínimo uma hora e meia, uma luta é mais dinâmica, pode ser apreciada integralmente em alguns minutos (Padilla, 2012) e cada movimento dos combatentes pode ser decisivo. Isso aponta uma tendência à popularização cada vez maior das artes marciais e lutas em geral.

Embora certas modalidades e eventos desportivos sejam complexamente organizados, configurem estrondosa mobilização social e movimentem imensas quantias de dinheiro, auferindo o *status* de esporte profissional, o *amadorismo* ainda está impregnado em seu cerne (Padilla, 2012). Grande parte das pessoas que de fato faz o esporte acontecer, apesar da dedicação e da responsabilidade de seu trabalho, não é valorizado e recompensado adequadamente (Padilla, 2012) e exerce sua função, sobretudo, por paixão pelo esporte e apego a um estilo de vida. Padilla (2012, grifo nosso) destaca o caso da arbitragem, que é comum a várias outras categorias de trabalhadores no meio dos esportes, inclusive aos atletas:

O quadro de árbitro é híbrido. O juiz possui, na disputa, uma posição semelhante ao do magistrado na condução do processo judicial: Está investido de um poder-dever de atuar com dignidade, observando, e fazendo cumprir às regras. Deve punir os infratores, e tudo registrar na súmula, documento oficial da competição. As infrações disciplinares anotadas pelo árbitro são o principal instrumento de trabalho da Justiça Desportiva! Contudo, **não desfrutam de garantias financeiras. São meros prestadores de serviços eventuais, sem vínculo empregatício** na modalidade onde, não obstante, exercem uma indispensável função. Recebem por arbitragem, sem garantias da relação de emprego, muito menos de irredutibilidade de vencimentos dos membros do Poder Judiciário.

É notável que a prática esportiva é bastante presente e de grande importância na vida do homem civilizado. Logo na infância ressoa a máxima das gincanas escolares: “o importante é competir”. Porém, se tratando da competição desportiva, participar pode ser divertido, mas importa mesmo vencer. O desporto de alto rendimento, na categoria de esporte profissional, requer boa organização, estrutura física e alta qualidade técnica para satisfazer às necessidades e expectativas do público, lhe proporcionar um espetáculo e lhe apresentar um campeão. Portanto, como em qualquer outra profissão, o bom desempenho necessita de dedicação, aprendizagem, treinamento, aperfeiçoamento, recompensas etc., enfim, condições materiais e sociais para se estabelecer e desenvolver devidamente.

Em Clube da Luta (2011), compara-se o muay thai profissional na Tailândia, literalmente, à luta pela sobrevivência, visto que muitos lutadores, geralmente oriundos de províncias paupérrimas, não possuem alternativas financeiras e necessitam do dinheiro ganho nas competições para se sustentar e prover condições de vida dignas a sua família (Delp, 2012) - vive-se da luta. Sendo um meio extremamente concorrido, a efemeridade do sucesso se faz fortemente presente: a derrota em um combate pode significar a perda de novas oportunidades, perda da confiança e incentivo da equipe, perda da “aura de campeão” frente aos fãs, perda de sua fonte de sustento. Já no Brasil, vive-se para a luta, conforme é afirmado em A Lama (2015). No documentário, um treinador explica que o muay thai brasileiro não oferece condições de sustento financeiro e o envolvimento e trabalho no meio da luta é movido por paixão e não há como ser diferente: enfrenta-se uma série de percalços, desde condições improvisadas de treinamento a desorganização das competições. Também no caso da maioria dos lutadores profissionais do Rio Grande do Sul, são suas demais atividades que financiam e propiciam a carreira no muay thai, pois o cenário apontado por Padilla (2012) se reproduz: não há garantias financeiras nem relações empregatícias, são eventuais prestadores de serviços.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1. MÉTODO

O presente estudo se constitui de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. Frente à rara literatura acessível e à pouca familiaridade da academia com os bastidores da luta profissional de maneira geral e, especificamente, do muay thai no Rio Grande do Sul, esta pesquisa visou primeiramente a buscar aproximação com o tema e obter um panorama geral da situação, para então estabelecer uma análise à luz das teorias apresentadas (Gil, 2006).

3.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Além de dois organizadores de competições e um treinador de equipe profissional, foram entrevistados, treze lutadores profissionais de muay thai, dentre estes, três da categoria feminina e um já aposentado da carreira de lutador. A maioria dos lutadores compete em mais de uma modalidade de luta e apenas um declarou competir somente em regras de muay thai. Além de lutador, todos possuem ao menos uma outra ocupação profissional; na época da entrevista, a maioria estava entre os 21 e 25 anos de idade; a média de tempo de treino informada foi de aproximadamente sete anos e experiência em torno de 17 lutas; a maioria era solteira e não tinha filhos ou não informou.

A tabela a seguir apresenta alguns dados sobre os lutadores. A fim de salvaguardar suas identidades, os locais de residência estão separados por regiões e as idades por faixas etárias; o sexo dos entrevistados também não está discriminado.

Lutador	Faixa etária (em anos)	Escolaridade	Estado civil	Local	Tempo de treino ¹¹ (em anos)
L1	21-25	ES	Solteiro	IRS	7
L2	21-25	EMI	Solteiro	IRS	4
L3	31-35	NI	NI	RPA	10
L4	21-25	ES	Solteiro	RPA	8
L5	21-25	ESC (Ed.F)	Casado	IRS	5
L6	21-25	EM	Solteiro	IRS	10
L7	21-25	ESI (Ed.F)	Solteiro	RPA	6
L8	21-25	EM	Solteiro	IRS	10
L9	21-25	ESC (Ed.F)	Solteiro	IRS	5
L10	21-25	EM	Solteiro	RPA	6
L11	21-25	ESC	Solteiro	RPA	7
L12	31-35	ES	União Estável	IRS	5
L13	16-20	EMC	Solteiro	RPA	4

Tabela 1: Dados dos lutadores participantes da pesquisa.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: EM – Ensino Médio Completo; EMC – Ensino Médio em Curso; EMI - Ensino Médio Incompleto; ES – Ensino Superior Completo; ESC – Ensino Superior em Curso; ESI – Ensino Superior Incompleto; Ed.F – educação física; IRS – Interior do Rio Grande do Sul; RPA – Porto Alegre ou Região Metropolitana; NI – não informado.

Os dois organizadores de eventos entrevistados (O1 e O2) relataram ter experiência como lutadores profissionais, iniciaram sua jornada na luta em artes marciais orientais, como karatê e tae kwondo, depois ingressaram no muay thai. A frequência com que organizam eventos não é suficiente pra fazer deste um trabalho de tempo integral, assim, é comum que se tenha outra atividade profissional ou fonte de renda. Entre outras atividades, os organizadores entrevistados atualmente dão aulas de muay thai e outras modalidades de luta e lideram equipes de competição;

¹¹ Para o item *tempo de treino* na tabela 1 considerou-se o tempo de treinamento de qualquer modalidade de *luta em pé* (esclarecimento sobre o termo na apresentação dos resultados).

o treinador entrevistado (T1) também começou sua jornada em outras artes marciais e atualmente ainda é lutador profissional.

O1 e O2 estão na faixa de 41 a 45 anos de idade, residem na cidade de Porto Alegre, são solteiros e têm filhos; O2 concluiu o ensino superior e O1 não informou sua escolaridade; ambos têm mais de vinte anos de contato com a luta e organizam competições de diversas modalidades há mais de dez anos. O1 conta com quinze lutadores profissionais de muay thai e MMA na equipe de competição que lidera, a qual é filiada ao menos a uma entidade reguladora e tem quase 20 anos de existência. O2 atualmente não tem atletas profissionais em sua equipe de competição.

T1 também reside em Porto Alegre, é solteiro, está na faixa de 21 a 25 anos de idade, não tem filhos e concluiu o ensino médio; sua equipe está representada em mais de uma academia, por professor formado por ele, porém, não possui sede de treinamento própria; à época da entrevista, sua equipe tinha aproximadamente quatro anos, contava com dois lutadores profissionais de muay thai e não era filiada a nenhuma entidade reguladora do esporte.

3.3. COLETA DE DADOS

3.3.1 Fonte documental

As primeiras fontes consultadas foram *sites* na internet de federações de muay thai do Rio Grande do Sul e confederações do Brasil, os quais trazem informações sobre a história do muay thai, tradições, treinamento, técnicas, dinâmica das competições na Tailândia etc. Algumas federações apresentam divergências que começam logo pela grafia correta do nome da arte - escreve-se *muaythai* ou *muay thai*¹². Apesar de detalhes como este, diversas informações apresentam textos muito semelhantes em instituições diferentes, indicando ter a mesma origem, porém, suas fontes não são citadas. Os *sites* das entidades apresentam também seus respectivos regimentos internos e agenda de eventos, notícias sobre o esporte, mural de fotos, informações

¹² Em tailandês escreve-se “มวยไทย” e na Tailândia também não há uma grafia consolidada na forma ocidental. *Muay thai* foi adotada para fins deste trabalho por ser a grafia mais usual em Porto Alegre.

sobre a instituição, seus administradores e entidades associadas. Redes sociais na internet, como Twitter e, principalmente, Facebook foram importantes fontes de coleta de dados.

A busca por livros e publicações científicas específicos a respeito do muay thai não obteve grandes resultados; porém, o que se encontrou sobre lutas em geral serviu de baliza na compreensão da dinâmica e do estilo de vida nas artes marciais. Muitas informações sobre o funcionamento do muay thai e a rotina dos lutadores ao redor do mundo foram encontradas em *sites* na internet especializados em lutas e filmes documentários sobre artes marciais; outras produções cinematográficas também, mesmo que em histórias fictícias, ilustraram aspectos da cultura tailandesa, religião, tradições e a relação destas com o muay thai.

3.3.2 Observação assistemática

Realizou-se a observação de diversos eventos de luta e da rotina de algumas equipes de competição profissionais do Rio Grande do Sul. De fevereiro de 2014 a setembro de 2018, entre competições, seminários e oficinas, compareceu-se a 67 eventos de muay thai entre outras modalidades de luta. A ida aos eventos gerou relatórios com constatações sobre estrutura, organização, divulgação, apoiadores, nível técnico das lutas, etc. A observação e contato com o público presente e membros das equipes permitiu obter uma noção de seu perfil, motivações e expectativas quanto a luta e opiniões sobre os eventos. Na ocasião dos campeonatos, estabeleceram-se os primeiros contatos com organizadores de eventos e lutadores para entrevistas.

Visitou-se o local de treino de 21 equipes de diversas modalidades de luta, localizadas em Porto Alegre e região metropolitana; dentre estas, quinze são equipes de competição de muay thai. Nestas ocasiões se pôde observar a rotina dos atletas profissionais e amadores, as aulas destinadas ao público geral, as condições do local de treino, os métodos de treinamento, a estrutura e recursos à disposição dos lutadores, a “filosofia” empregada pela equipe, a postura exigida no local de treino, o convívio e as relações interpessoais estabelecidas. Além das visitas, houve acompanhamento intensivo de duas destas equipes, uma por um período de

aproximadamente dois anos e outra, três anos: presença diária no local de treino, observação e participação nas aulas para o público e nos treinos dos atletas, acompanhamento em competições.

Acompanhou-se também uma etapa da coleta de dados de um estudo comparativo entre técnicas de chutes de karatê, muay thai e tae kwondo. Os sujeitos do estudo eram lutadores amadores e profissionais, oriundos de diversas cidades do Rio Grande do Sul. A etapa observada foi realizada em Porto Alegre, em abril de 2016.

3.3.3 Entrevistas individuais semiestruturadas

Realizaram-se entrevistas individuais semiestruturadas com dois organizadores de eventos, um treinador de equipe de competição e treze lutadores profissionais. Sete entrevistas foram realizadas pessoalmente, a maioria no próprio local de treino dos entrevistados ou imediações, e tiveram duração em torno de 70 minutos; o restante foi realizado através da internet, por aplicativos de *smartphone* e computador (Whatsapp, Skype e Facebook), devido à indisponibilidade dos participantes para conversa presencial, muitos residentes no interior do Rio Grande do Sul ou sem horários e disposição para o encontro. As entrevistas presenciais foram realizadas na cidade de Porto Alegre, com exceção de uma, gravadas com o consentimento dos entrevistados e, após, transcritas; também foram transcritas as entrevistas realizadas por áudio e vídeo. Os roteiros básicos das entrevistas se encontram nos apêndices A, B e C deste trabalho.

No período da coleta de dados, estava em curso a investigação policial de um incidente ocorrido em um campeonato amador de muay thai, em Porto Alegre, no qual uma competidora se feriu gravemente; houve também uma série de denúncias e especulações quanto a regularidade de competições, legitimidade na emissão de certificados de graduação etc. Essas ocorrências criaram uma atmosfera de desconfiança no meio da luta, o que pode ter deixado os participantes hesitantes e ter comprometido a qualidade e integridade das informações concedidas, tanto nas entrevistas quanto nas conversas informais.

Tal situação também pode ter criado uma barreira para os primeiros contatos. Durante os campeonatos, buscou-se apresentar a proposta da pesquisa e convidar o maior número possível de lutadores, treinadores e organizadores de eventos a participar; nestas ocasiões, coletaram-se

emails, alguns convidados disponibilizaram número de telefone pessoal, outros pediram que se entrasse em contato através do telefone da academia ou os procurasse no Facebook. As primeiras investidas obtiveram pouco resultado: por *email* não houve respostas e por telefone poucos participantes retornaram o contato, mas não se consumaram as entrevistas. O meio de contato mais frutífero foi o Facebook - houve um maior número de respostas e os convidados se mostraram mais acessíveis e dispostos a colaborar. As tentativas seguintes tiveram resultado semelhante e, a partir de então, o Facebook foi o método preferencial a ser utilizado na abordagem inicial; porém, insistiu-se no contato pessoal.

A maior receptividade nas abordagens através do Facebook aponta uma justificativa simples: a utilização do perfil pessoal da pesquisadora no contato inicial pode ter inspirado confiança aos convidados frente ao clima de tensão presente - uma vez que tinham acesso a informações pessoais sobre a mesma, ela deixava de ser uma completa desconhecida, o que amenizava a desconfiança de que pudesse se tratar de uma pesquisa fictícia com intenção de denúncia. Além disso, ao longo deste estudo, constatou-se que o Facebook é uma ferramenta bastante presente no cotidiano dos participantes, de acesso diário quase infalível, o que favoreceu amplamente o contato por este meio. Mesmo assim, à medida que as investigações e denúncias repercutiam publicamente, podia-se sentir imediata apreensão na concessão de informações, tanto por receio de novas denúncias, quanto por solidariedade aos colegas envolvidos nos casos - entrevistas foram desmarcadas sem explicações e convidados simplesmente deixaram de retornar os contatos.

Em meio a essas tensões, fez-se mister acordar com os participantes da pesquisa a reserva de suas identidades. Assim, não foi divulgado neste trabalho nenhum nome de atleta, treinador ou organizador entrevistado ou mesmo mencionado nas entrevistas, tampouco nomes de equipes ou federações, bem como nenhuma outra informação que pudesse levar à identificação de qualquer dos participantes. Ainda assim, alguns participantes mostraram receio quanto à possibilidade de serem identificados por apresentarem opiniões peculiares; outros, mesmo se mostrando muito dispostos a colaborar com a pesquisa, em algumas ocasiões, pareceram emitir opiniões amenas sobre situações negativas e/ou “maquiar” diversas questões. Em relação a isso tudo, buscou-se relacionar os dados ao máximo a fim de manter-lhes a pertinência.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme orienta Gomes (2003), o processo de análise dos dados se iniciou durante a coleta dos mesmos, sempre com atenção aos objetivos e embasamento teórico da pesquisa. A adoção de roteiro de entrevista semiestruturado foi propriamente favorável a isto à medida que a interpretação instantânea a cada resposta dos entrevistados gerava impressões, as quais podiam moldar as questões seguintes.

Nesta etapa do trabalho, buscou-se compreender os dados coletados, verificar os pressupostos e responder aos objetivos propostos, ampliar o conhecimento sobre o assunto, articulando a teoria com os fatos observados e as informações coletadas (Minayo, 1992). Para tal, segundo recomendações de Gomes (2003), organizou-se o material coletado, classificando as informações segundo sua correspondência com os objetivos da pesquisa, fez-se uma descrição do objeto de estudo e então se analisou os resultados à luz do referencial teórico que embasou o estudo.

A descrição do objeto de estudo foi centrada nos seguintes conteúdos: descrição do cenário do muay thai no Rio Grande do Sul; construção do perfil, formação e carreira dos lutadores; e descrição da articulação destes no mundo da luta, em meio à sociedade líquido moderna, já como pré-análise de sua estratégia de inventar a vida. Na análise das entrevistas, buscou-se contextualizar a fala dos entrevistados no cenário observado, procurando congruências e discrepâncias, tanto nas informações verbalizadas nas entrevistas e em seu conteúdo subjacente, quanto nos dados coletados em campo, procurando compreender suas motivações e significados. Também se deu atenção ao que cada item das questões do roteiro representava para os diversos respondentes e como eles o interpretavam.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE

Muay thai, enquanto *categoria desportiva*, é uma luta de ringue de contato pleno originada de antigas artes marciais tailandesas. O termo *arte marcial* significa em sua origem *arte da guerra* e se refere a conjuntos de técnicas ou sistemas de *combate corporal* (sem uso de armas de fogo) desenvolvidos visando à máxima eficiência em situações de confronto real, evoluindo inclusive risco de morte. Já os *desportos de combate*, oriundos em sua maioria de antigas artes marciais, visam sobretudo à competição e sua prática é circundada por regras que almejam assegurar a não ocorrência de danos permanentes aos competidores e definir um sistema de pontuação para determinar um vencedor. Desta forma, os esportes de combate ilustram com clareza o conceito de *esporte* segundo Padilla (2012), em que a realidade - situação real de confronto - sofre adaptações por regras que a distorcem.

Em função da prática de artes marciais, tanto na sua forma pura quanto na sua forma adaptada (desportiva), oferecer aos praticantes vantagens físicas ante aos não praticantes (Delp, 2012), em seu ensinamento há um zelo por questões éticas, morais e/ou filosóficas. Principalmente na arte pura, em que a regra maior é a *sobrevivência*, por assim dizer, e se trabalham técnicas que não se constroem quanto ao grau dos danos que podem causar aos oponentes - sendo muitas consideradas *golpe baixo* pelas regras desportivas -, há uma grande preocupação com a formação do caráter do praticante, dando-se ênfase à disciplina e à filosofia da arte. Esse é um dos motivos pelo qual, em outros tempos, os grandes mestres de artes marciais transmitiam seus conhecimentos a poucos selecionados, os quais julgavam dignos (Delp, 2012; Padilla, 2012) e eram vistos como exemplo de caráter e moral. Ao envolver e moldar aspectos da personalidade e atitude do praticante, a arte marcial se caracteriza propriamente enquanto atividade imaterial, requisitando e incidindo sobre a subjetividade humana (Pelbart, 2000).

Por outro lado, o foco na competição, próprio das atividades desportivas (Padilla, 2012), acaba por afastar os desportos de combate dos princípios filosóficos das artes marciais; há maior

preocupação com o que é permitido ou proibido pelas regras e com as técnicas mais eficientes para se pontuar e vencer a luta. Ainda assim, preserva-se em larga escala questões como disciplina, hierarquia, respeito aos colegas, zelo pelo local de treino, autoridade do mestre, entre outras.

4.1.1 Lutas de ringue, luta em pé e contato pleno – regras de competição

Modalidades de *luta em pé* ou *luta de trocação* se caracterizam pelo combate corporal em que os participantes executam golpes de impacto em seus adversários, desempenham as técnicas predominantemente *em pé*, posturados em posição vertical em relação ao solo, e não é permitido golpear o adversário quando o mesmo estiver posicionado horizontalmente ao solo (caído no chão ou agachado¹³). As lutas de *contato pleno* ou *full contact* são aquelas em que não há interrupção do combate após se marcar pontos ou atingir o adversário (salvo em situações em que as regras não permitirem golpeá-lo). Assim, diferentemente das modalidades de luta de *semicontato*, em que a vitória é decidida unicamente através do sistema de pontuação - e, por vezes, o abalo das condições de luta do adversário através de golpes contundentes não é permitido -, a luta de contato pleno permite também provocar a finalização do combate por *nocaute*, desistência do adversário ou intervenção da arbitragem.

Knockout, ou *nocaute*, é uma expressão original do boxe americano, criada por um jornalista no ano de 1882, designando "derrota por inconsciência provocada por golpe", que passou a ser utilizada até mesmo fora do meio do esporte para se referir a algo "tornado inoperante" (Federação Rio-grandense de Pugilismo, 2010); hoje o termo é utilizado também em outras modalidades de combate e há diversas regras em torno da situação de nocaute. Aliás, o boxe, sendo uma modalidade de luta de ringue de organização desportiva que data de mais de 500 anos a.C. e mundialmente popular também há bastante tempo, serviu como modelo de inspiração na organização das regras de competição de muitas outras modalidades de luta, como ele próprio, em pé e de contato pleno.

¹³ Posição de três ou quatro apoios, quando o lutador toca, respectivamente, uma ou duas mãos no solo ou os joelhos.

O uso do *ringue* como espaço de combate, por exemplo, típico do boxe, é comum a diversas categorias de lutas, como *wrestling* e MMA¹⁴, e à maioria das modalidades de luta de trocação de contato pleno que contemplam categorias profissionais, como muay thai e kickboxing - sendo então conhecidas como *lutas de ringue*. Estima-se que o modelo de ringue popularizado hoje na luta em pé tenha sido introduzido no boxe no início do século XX. Ele consiste numa plataforma retangular, elevada em relação ao solo, de superfície estável, com um pilar acolchoado em cada um de seus quatro cantos (os *corners*), ligados por em torno de quatro cordas horizontais que delimitam o espaço, mantendo os lutadores na plataforma sem prejudicar a visibilidade do público expectador. A forma da estrutura do ringue é de importância crucial na luta profissional uma vez que esta é uma categoria de entretenimento que, na produção de subjetividade (Lazzarato e Negri, 2001), visa sobretudo a prover ganho emocional a quem assiste (Padilla, 2012).

O termo *corner* designa cada um dos pilares dos quatro cantos do ringue. Em geral, os ringues de boxe possuem um corner de cor vermelha e um de cor azul, posicionados diagonalmente um em relação ao outro, e dois corners neutros ou brancos. A cada lutador é designado um dos corners coloridos, onde deve se posicionar antes do início da luta e durante os intervalos, e é geralmente identificado com luvas de respectiva cor. *Corner* também se refere àqueles que auxiliam os lutadores durante a luta, geralmente membros de sua equipe, como mestres ou treinadores.

O boxe também popularizou a utilização de equipamentos de proteção próprios para a luta¹⁵, como luvas almofadadas e protetores internos de boca (bucal), e serviu de modelo na organização de toda a dinâmica dos combates. Em outros tempos, as competições da maioria das modalidades de luta não possuíam um sistema claro de pontuação para a determinação do vencedor, assim, os combates não tinham limite de tempo de duração e, muitas vezes, culminavam em desistência ou até morte de um dos participantes. O boxe moderno introduziu o estabelecimento de tempo máximo de duração das lutas, fracionado-as em *rounds*. *Rounds* são as rodadas ou fases que dividem o tempo total de luta e devem ter igual período de duração (salvo

¹⁴ Algumas modalidades de luta têm como área de combate *tatames* simples, uma espécie de superfície de borracha; outras utilizam modelos de ringue diferentes dos de boxe. Nas primeiras grandes competições de MMA se utilizavam ringues de boxe; mais tarde se popularizou o uso do *cage* (espaço gradeado, geralmente em formato octogonal ou hexagonal); porém grandes eventos mundiais da modalidade ainda hoje fazem uso do ringue, como o evento russo M1 Global.

¹⁵ Durante muito tempo, em diversas modalidades de luta, se utilizou equipamentos de proteção improvisados, de eficácia duvidosa.

exceções, como interrupção técnica, nocaute etc.); após o término de cada round, há um intervalo para descanso e auxílio dos corners, exceto após o último, quando se encerra a luta.

No atual sistema de pontuação, introduziu-se a equipe de arbitragem, geralmente formada por um árbitro ou juiz central e três juízes laterais, com função primordial no andamento da luta e determinação do resultado. O árbitro central, como um maestro, pode conduzir o ritmo da luta e é a autoridade máxima durante o combate, pois acompanha a luta de dentro do ringue; ele supervisiona o combate visando ao cumprimento das regras, autoriza seu início, o interrompe e o reestabelece durante os rounds nas situações que julgar necessário, pode exigir mais ação e iniciativa durante a luta e determinar penalizações aos lutadores, desclassificando-os ou lhes subtraindo pontos, entre outras atribuições. Os juízes laterais possuem a principal função de determinar o resultado da luta, atribuindo uma pontuação ao desempenho dos lutadores a cada round; também podem ser consultados pelo árbitro central quanto a infrações cometidas pelos lutadores, auxiliando em decisões quanto a penalizações ou desclassificação.

Muito importante neste sistema de pontuação e definição de resultado, são as situações de *knockout*, *knockdown* e *abertura de contagem*. Em geral, quando um lutador é atingido por um golpe que abala suas condições de luta, o árbitro central paralisa a luta e *abre contagem* para o lutador atingido: isso significa que o lutador tem dez segundos para se recuperar e retomar a luta, do contrário é declarado o encerramento da luta por *knockout*, e seu adversário é nomeado vencedor; caso se recupere, a situação é chamada de *knockdown*, ele fica prejudicado na pontuação e a luta segue normalmente; em muitas regras de competição, se um lutador sofrer três *knockdowns* durante um mesmo round, a luta é encerrada, declarando-se nocaute técnico e vitória do adversário. Assim, o sistema de *knockdown* e *contagem* visa a preservar a integridade física do lutador golpeado, protegendo-o de danos mais graves e nocaute iminente.

Em não ocorrendo nocaute, o resultado da luta fica a cargo dos juízes laterais na chamada *decisão por pontos* ou *decisão dos juízes*. Os juízes laterais, individualmente, atribuem uma pontuação a cada lutador por cada round e, ao final do último round, cada juiz faz a soma da pontuação de todos os rounds de cada lutador e declara como vencedor o lutador ao qual atribuiu o maior número de pontos; então, cada árbitro indica um vencedor e o resultado final da luta é uma conjunção das decisões de todos. Assim, a decisão por pontos pode ser:

- Unânime – os três juízes indicam o mesmo vencedor ou declaram empate;

- Dividida – dois juízes indicam o mesmo vencedor e o terceiro diverge indicando o outro;
- Majoritária – dois juízes indicam o mesmo vencedor e o terceiro diverge declarando empate ou vice-versa, podendo resultar em empate.

Existem casos em que as regras da competição não permitem haver empate como resultado final, podendo ser adicionado um round extra para desempate, ou se utilizar de critérios de desempate, como a ocorrência de knockdowns, por exemplo.

4.2. MUAY THAI DESPORTIVO

O muay thai, também conhecido como boxe tailandês¹⁶, é uma arte marcial milenar, desenvolvida na época do processo de ocupação da terra do Sião pelo povo que evadiu do centro da China e deu origem ao povo tailandês, conforme informações registradas nos *sites* da Confederação Brasileira de Muay Thai (CBMT), Confederação de Muay Thai do Brasil (CMTB) e Confederação Brasileira de Muay Thai Tradicional (CBMTT)¹⁷. Em sua jornada, o povo buscava se defender de inimigos e proteger o território de invasores, desenvolvendo técnicas de luta corporal e armada, com lanças, facas, bastões etc. A prática e aprimoramento dessas técnicas em tempos de paz acabaram dando origem a uma atividade desportiva de combate corporal, abolindo o uso de objetos e, assim, sendo referida como “a arte das oito armas” por utilizar em especial oito partes do corpo como ferramentas de ação – os dois punhos, cotovelos, canelas e joelhos. Apesar da vigorosa materialidade de socos e chutes, o muay thai se enquadra na categoria de atividade imaterial (Pelbart, 2000; Gorz, 2005), uma vez que, enquanto esporte, gera de maneira geral qualidade de vida e bem estar social (Padilla, 2012), bens intangíveis.

¹⁶ *Boxe* é um termo derivado da língua inglesa que designa, assim como o *muay* do tailandês, lutas de trocação em geral – a despeito da confusão que se faz com o *boxe* do pugilismo. Não é raro, entre leigos e iniciados em artes marciais, julgar a expressão *boxe tailandês* como uma tradução equivocada de *muay thai*, entendendo que significaria algo como “pugilismo tailandês”.

¹⁷ Respectivamente, <http://www.cbmuaythai.com.br/>; <http://www.cmtb.com.br/>; <http://www.cbmtt.org/>. Vide *Referências*.

Em sua fase primitiva, muitos combates de muay thai terminavam com a morte de um dos participantes, pois os equipamentos de proteção eram escassos e improvisados, não havia limite de tempo de duração nem divisão dos competidores por categorias. A partir dos anos 1920, ocorreu a estruturação do esporte¹⁸, com o estabelecimento de regras que protegessem os participantes e tornassem os combates menos danosos e desproporcionais - como limite de tempo de duração das lutas, divisão da luta em *rounds* e criação de intervalos para recuperação, adoção de equipamentos de proteção apropriados, classificação dos lutadores por categorias de peso etc. (CBMT, 2007; CMTB, 2015; CBMTT, 2015). Após a Segunda Guerra Mundial, o muay thai se difundiu pelo mundo como luta de ringue, sendo reconhecido como uma das técnicas de combate mais eficazes e eficientes existentes (Delp, 2012).

Os golpes utilizados no muay thai são conhecidos por sua contundência, especialmente pela utilização de técnicas de cotoveladas e joelhadas, as quais tendem a causar cortes na pele e sangramento, provocando a interrupção da luta, e por isso dificilmente são permitidas nas regras de competição de outras modalidades; também se utilizam técnicas de clinche, defesa e queda, além dos socos e chutes (Delp, 2012). O principal objetivo em uma luta de muay thai é causar o nocaute do adversário e para tal finalidade os alvos mais visados são a cabeça e o tronco; golpes contundentes nas pernas e nos braços também podem provocar a desistência do oponente (CBMT, 2007; CMTB, 2015). Sendo uma modalidade de luta de contato pleno, em geral, é permitido atingir qualquer parte do corpo do adversário sem que haja paralisação do combate - exceto pela região genital em dadas situações; também não é permitido desferir nenhum tipo de golpe se o adversário estiver em posição horizontal em relação ao solo, caracterizando-se assim pela luta em pé, tal qual o boxe e o kickboxing.

Ao redor do mundo, combates amadores e profissionais apresentam diferenças entre si em alguns aspectos. Em lutas amadoras, quanto menor a experiência dos atletas (número de lutas), maior a quantidade de equipamentos de proteção utilizados e maiores as limitações nas regras de combate. Já em lutas profissionais, utilizam-se bem poucos equipamentos de proteção, maior gama de golpes é permitida e o limite de tempo dos combates é estendido. Na Tailândia, o muay thai amador tem pouca ênfase e o uso de proteções é bastante limitado (Buffalo Girls, 2012; Delp, 2012; Bau, 2013).

¹⁸ Os moldes das regras de competição do muay thai foram adaptados essencialmente do boxe, vide adoção de ringue como espaço de combate, luvas como equipamento de proteção, fracionamento do tempo total de luta etc.

Conforme se observou ao longo da pesquisa e observação de campo, o treinamento básico de muay thai, em geral, envolve a execução de técnicas no *paô* (equipamento aparador de golpes) e na bolsa (saco de pancadas ou saco de areia). Na bolsa, inúmeras variações de golpes podem ser praticadas, variando-se força, intensidade, velocidade etc. Nos aparadores, desempenham-se sequências de golpes interagindo com o professor ou colega o qual manipula o equipamento; além de aperfeiçoar a técnica dos golpes, desenvolve acurácia e privilegia a movimentação. O treinamento de situações de luta pode ser desenvolvido no treino de *sombra*, no qual o praticante executa individualmente a movimentação de combate, desferindo golpes sem alvo físico – este tipo de treino recorre à imaginação e criatividade do praticante, típico da atividade imaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005; Grisci, 2008); já no treino de *sparring* (“esparrim”, como se costuma pronunciar no Brasil) ou “luva”, os atletas executam a movimentação de combate em duplas, desferindo os golpes um no outro, simulando uma luta real. Segundo se constatou na observação de campo, em geral, nas academias do Rio Grande do Sul, este tipo de treinamento é facultativo para os praticantes que não almejam ser competidores; já para os que competem ou participam de graduações, é fundamental. A intensidade dos golpes neste tipo de exercício varia de acordo com o objetivo do treino, mas normalmente é reduzida, e se utilizam mais equipamentos de proteção do que nas competições, evitando, assim, que os atletas se lesionem e lhes dando confiança para executar as técnicas. O treino de clinche, ou *sparring* de clinche, também é executado em duplas. O clinche é uma técnica que objetiva controlar o adversário manipulando-o com os braços, a fim de alcançar posição dominante e golpeá-lo. Conforme explicado por um treinador em Clube da Luta (2011), esta é uma das técnicas mais difíceis do muay thai: avesso ao que pode parecer, aos olhos de um leigo, duas pessoas “atracadas” medindo força, envolve muitas sutilezas, diversos macetes de jogo e astúcia do lutador. Destaca-se, aqui, a importância do parceiro de treino no muay thai: a despeito das competições de artes marciais se enquadrarem na categoria de esportes individuais, a interação com a equipe, de aspectos técnicos a psicológicos, é determinante, ficando evidente uma das facetas das relações interpessoais no muay thai, próprio da atividade imaterial (Lazzarato e Negri, 2001).

O condicionamento físico também é uma das questões mais visadas no treinamento de muay thai, tanto por atletas, profissionais e amadores, quanto por praticantes esportistas. Em geral, este tipo de preparação é voltado ao ganho de força e resistência muscular e aumento da

capacidade aeróbica (ou fôlego, popularmente referido no Brasil como *gás*). São comuns exercícios de musculação, levantamento de pesos e domínio do peso corporal, como flexão de braços no solo (apoios) e em barra fixa (barra); o muay thai também é muito conhecido pelas flexões abdominais. Outra técnica de preparação física bastante popular é a corrida. Na Tailândia, lutadores profissionais chegam a correr mais de 20 km por dia; em Clube da Luta (2011), um treinador afirma enfaticamente que praticar corrida é condição *sine qua non* para ser lutador. Porém, tanto no Brasil quanto na Tailândia, é comum que não se tenha orientação especializada para esses tipos de treinamentos, mesmo no caso de lutadores profissionais, conforme relataram nas entrevistas L1, L7, L10 e L13. Durante a observação de campo, teve-se contato com um professor de corrida que alertou aos riscos desta prática: “a corrida é uma atividade física com alto índice de lesão porque a técnica é subestimada. Todo mundo acha que sabe correr porque corremos desde criança, mas tem muita diferença entre dar uma corridinha pra pegar o ônibus e correr dez quilômetros em terreno irregular”. Na ânsia por empenhar o máximo de esforço em sua atividade e superar seus adversários, a autopreservação, tanto física quanto psicológica e emocional, é preterida, acarretando danos à saúde, típicos da sobrecarga relacionada à intensidade crescente do trabalho imaterial em setores de atividades muito concorridas (Dal Rosso, 2006).

4.2.1 Muay thai na Tailândia

Em termos de popularidade, o muay thai está para a Tailândia como o futebol está para o Brasil (CMTB, 2015), sendo o esporte nacional dos tailandeses. Assim, a trajetória de um lutador tailandês deve começar impreterivelmente na infância. O treinamento se inicia por volta dos sete anos de idade e é bastante comum que crianças de origem paupérrima – muitas vezes órfãs ou negligenciadas - sejam “recolhidas” aos *camps*, centros de treinamento (CT) onde o responsável pelo local, geralmente o próprio treinador, providencia alimentação, vestuário, estudo e acompanhamento médico aos lutadores, além de se encarregar dos treinos e empresariar as lutas (Bau, 2013). Na Tailândia, lutas entre menores de 15 anos de idade são proibidas, mas devido à fiscalização deficiente e à falta de restrições nos estádios e locais de competição quanto a lutas profissionais entre menores de idade, é comum haver lutas entre crianças a partir de oito anos,

com bem poucos equipamentos de proteção (CBMT, 2007; Clube da Luta, 2011; Buffalo Girls, 2012; Delp, 2012; Bau, 2013). Frequentemente lutadores, mesmo na fase adulta, devido às suas limitações financeiras, permanecem morando em alojamentos nos próprios *camps* - isto é, quando conseguem obter relativo sucesso nas competições e são aceitos nestes. A maior parte da bolsa que recebem nos campeonatos é usada para manutenção do *camp* e pagamento do treinador (CBMT, 2007; Clube da Luta, 2011; Bau, 2013).

O muay thai se apresenta para os jovens de periferia das províncias tailandesas como alternativa para ascender socialmente e sair da situação de miséria. Em muitos casos, estes jovens são incentivados pela própria família, num sentimento misto de esperança num futuro melhor, mas com receio do fracasso e danos à saúde. Treinando desde a infância, na pré-adolescência já participam de competições motivados pelos prêmios em dinheiro e alguns conseguem obter relativo sucesso financeiro ao longo da carreira e ajudar sua família; porém, obter fama e fortuna de fato é um sonho distante, visto que o muay thai profissional é muito concorrido - os lutadores são cada vez mais numerosos e melhor preparados (Clube da Luta, 2011; Delp, 2012). Conforme relatado por um lutador tailandês em *Clube da Luta* (2011), se o lutador vence, é saudado com louvor; porém, a derrota é inevitável, é uma questão de tempo, e, quando se perde, o público facilmente julga não ser bom lutador. Nesse sentido, L7 falou da angustia do lutador de tentar estender o seu “momento” o máximo possível, pois “parece que não importa muito a tua sequência de vitórias, na primeira derrota tu já não é mais o melhor, tem que começar lá de baixo de novo”; O2 relatou que costuma contratar para seus eventos lutadores que tenham boa sequência de vitórias. Assim, cometendo um desliz, pode-se voltar a estaca zero, portanto, a carreira na luta é uma escolha arriscada e, uma vez que muitos lutadores não possuem outra opção de vida, perder a luta significa perder tudo. Também as relações mudam: “tu ganhou, tu nos representa. Tu perdeu, tu não é ninguém”, afirma L10 sobre equipe e amigos do mundo da luta e a efemeridade de relações circunstanciais - “ninguém quer ser associado a um perdedor”. Essa mudança ocorre mesmo na vida pessoal, “tua mãe é tua maior fã. Até tu perder uma luta e ela ficar insistindo pra que tu faça um curso profissionalizante qualquer”. Muito bem situado num contexto de liquidez (Bauman, 2009), a glória de se vencer uma luta é imediata, instantânea, mas também os louros da vitória são efêmeros, duram somente até o próximo tropeço, então facilmente o lutador é abandonado, substituído por um novo campeão. Os lutadores tailandeses

quando não obtêm êxito e não conseguem pagar pela manutenção do *camp*, são dispensados, voltam para miséria de seus vilarejos, descartados na pilha de lixo (Bauman, 2008b; 2009).

Na Tailândia, a escassa fiscalização sobre o desporto propicia que ocorram eventos de luta com bastante frequência – segundo Delp (2012), há competições profissionais todos os dias -, embora nem sempre nas condições ideais de conforto e segurança, tanto para o público quanto para os lutadores - com ringues improvisados, falta de acomodação adequada para os expectadores etc. (Delp, 2012; Clube da Luta, 2011). Qualquer tipo de apostas é proibido no país, mas, uma vez que não há fiscalização eficiente, elas promovem a movimentação de altas cifras e quase a totalidade do público que comparece aos estádios de competição é de apostadores. Pode-se pensar que, por serem proibidas, as apostas ocorrem somente em eventos de luta pequenos, clandestinos, desestruturados ou mal organizados, mas na realidade elas são amplamente toleradas e movimentam milhares de dólares, inclusive nas principais competições nos estádios¹⁹ da capital Bangcoc - segundo relata um apostador em *Clube da Luta* (2011), quem busca esporte e entretenimento assiste às lutas em casa, pela televisão; o público nos estádios comparece para apostar. Mesmo os treinadores muitas vezes apostam em seus próprios atletas, o que acaba aumentando a pressão para que vençam (Clube da Luta, 2011), típico da intensificação das tensões no trabalho imaterial pela cobrança por resultados (Dal Rosso). Devido às apostas, em eventos de bom nível, um lutador adulto pode receber uma bolsa de cinco a dez mil dólares por luta; uma criança, duzentos dólares (Bau, 2013; CBMT, 2007). Porém, há também a situação de lutadores que competem por menos de cinco dólares por luta, conforme relatado em *Clube da Luta* (2011), geralmente atletas infanto-juvenis.

O fato de o muay thai representar uma opção para ascensão econômica e social o torna muito popular mesmo nas regiões mais pobres do país. Por isso, existem muitos *camps* localizados em províncias rurais, em que os recursos de treinamento são em grande parte improvisados. As competições que ocorrem no interior, em geral, possuem estrutura precária, são repletas de irregularidades e propensas a exploração dos lutadores, tanto por seu *manager*²⁰ ou treinador, quanto pela organização do evento, se apropriando da parte significativa de sua bolsa.

¹⁹ *Lumpinee e Rajadamnern* são dois dos principais estádios onde ocorrem competições de muay thai na Tailândia. É uma grande honra para os lutadores poder lutar nestes lugares, pois admitem apenas a elite do esporte, e poucos lutadores estrangeiros são aceitos (Clube da Luta, 2011; Delp, 2012).

²⁰ *Manager* é o agenciador de lutas; é responsável pelo contato com a organização dos eventos para marcar as lutas, escolher adversários e negociar a bolsa de seus lutadores. Um *manager* pode administrar toda a carreira de um

4.2.2 Tradições e rituais tailandeses

A história do muay thai se mistura e se confunde com a do próprio povo tailandês, uma vez que a arte foi se desenvolvendo ao longo da trajetória de migração e processo de formação e estabelecimento do povo na atual região da Tailândia (CBMT, 2007; Delp, 2012; CMTB, 2015). O tailandês é um povo culturalmente supersticioso e ritualístico, assim, com mais de 85% da população de adeptos ao budismo (Almanaque Abril, 2006), rituais religiosos e símbolos sagrados permeiam as tradições do muay thai – mesmo que não representem necessariamente devoção religiosa (Simão, 2015). Na observação assistemática deste estudo, foi percebido que as artes marciais em geral tendem a apresentar uma alma de cultura viva, no sentido de que elas levam adiante uma carga cultural muito forte de suas origens e mesmo em suas versões desportivas as tradições estão enraizadas. As tradições e a cultura do povo tailandês são vivas dentro do muay thai que, próprio da atividade imaterial (Pelbart, 2000), ele afeta a vida e depende dela. Em uma troca mútua, são condição, conteúdo e resultado um do outro.

As tradições e superstições que permeiam o muay thai são evidentes logo na forma de entrar no ringue: os lutadores costumam pular por cima das cordas, pois acreditam que passar entre elas “corta” as boas energias. Durante a luta, utiliza-se um adorno geralmente feito de cordas e tecidos trançados amarrado ao braço, chamado *kruang* ou *prajied* (ou *pra jiad*²¹); é uma espécie de amuleto para inspirar confiança, dar força e boa sorte ao lutador - em outros países, como no Brasil, é utilizado como símbolo de graduação de praticantes (Clube da Luta, 2011; Delp, 2012). Utiliza-se também o *phuang malai* como amuleto de boa sorte: um cordão de flores no formato de guirlanda, que se envolve no pescoço para entrar no ringue. Em sua origem budista, feito com flores de jasmim, simboliza o processo de vida e morte e a volatilidade da existência (Muay Thai Direto, 2015; Simão, 2015).

lutador e, muitas vezes, esse papel é exercido pelo próprio treinador (no muay thai gaúcho, esses papéis são praticamente indissociados).

²¹ Ao longo deste estudo se observou que não há grafia consolidada na forma ocidental para palavras e expressões tailandesas utilizadas no muay thai. As diversas fontes consultadas apresentaram variações entre si.

Outras tradições e comportamentos da cultura tailandesa também são refletidos no muay thai, como o *mong kon*, um ornamento que representa a escola do lutador. Antigamente era feito de tecidos brancos e vermelhos, cada professor tinha o seu e era usado pelos lutadores durante a luta (Delp, 2012). Símbolo de honra, em outros tempos, antes de um aluno ser aceito em uma escola, o mestre o avaliava e o testava até decidir por ensiná-lo ou não, verificando condições físicas, psicológicas e comportamentais, e, ao aceitá-lo como pupilo, colocava-lhe o *mong kon* na cabeça (Delp, 2012). Ainda hoje representa a aceitação do aluno pelo mestre, simboliza também prosperidade e proteção, mas não é mais usado durante a luta. Assim como o *phuang malai*, é retirado antes de se iniciar o combate, após o ritual do *wai kru ram muay* (Delp, 2012; Simão, 2015).

Antes do início dos combates, há uma cerimônia dentro do ringue, em que os lutadores executam danças chamadas *wai kru* e *ram muay*, nas quais se homenageiam os mestres, os antepassados e se celebram as coisas sagradas (Clube da Luta, 2011). No *wai kru*, o lutador se ajoelha no ringue e reverencia mestres e familiares. Já no *ram muay*, a dança - que representa sua escola, sua equipe - coreografa ritos de guerra, mandando um “recado” a seu adversário, e ainda simboliza outros comportamentos e atividades ligadas às raízes do povo, da escola e da comunidade (Muay Thai Chaiya, 2007; Delp, 2012; Simão, 2015). Em outras épocas, era possível identificar o *ram muay* de cada escola por sua coreografia característica; hoje cada vez mais os lutadores apresentam seus estilos próprios, que expressam mais sua identidade pessoal do que de seu grupo (Delp, 2012), o que está relacionado ao processo de mudança de valores que marca a sociedade atual (Bauman, 2008b; Alberto, 2011), onde se exige expressão da identidade individual e seus membros já não se identificam apenas através do seu papel na comunidade ou do lugar em que vivem (Giddens, 2002; Campbell, 2005; Bauman, 2009).

Os rituais coreografados também servem como alongamento e preparação do corpo para a luta. Por não se tratar de cerimônias necessariamente religiosas, estrangeiros e adeptos de outras crenças também podem executá-las; contudo, a mimetização de rituais sagrados pode ser considerada desrespeitosa (Delp, 2012).

Conforme exemplificado pela tradição do *mong kon*, a relação entre professor e aluno é muito importante no muay thai²². Os mestres, mesmo que aposentados, são sempre lembrados e

²² Uma informação bastante popular aqui é de que, diferentemente do que ocorre no Brasil, os lutadores tailandeses não costumam dar aulas, iniciam sua carreira de professor apenas após se aposentar dos ringues; este não é um pré-requisito formal ou legal, mas é visto como uma questão ética.

respeitados por seus alunos e ex-alunos. Haja visto que o domínio de uma arte marcial promove superioridade física ante aos não praticantes, seu ensinamento deve ser feito com responsabilidade. Por isso a “aura” de mestre envolve questões que transcendem o ensinamento técnico de golpes; o mestre é também um líder e, sobretudo, um educador - deve transmitir valores a seus alunos e visar à boa formação deles, não só como atletas, mas como seres humanos e cidadãos (Delp, 2012), típico do trabalho imaterial afetivo, ligado ao comportamento, personalidade e atitude do trabalhador (Pelbart, 2000; Hardt e Negri, 2005). Semelhante ao que ocorre em diversas artes marciais orientais, o aprendizado do muay thai exige extrema disciplina, postura respeitosa dos alunos perante o mestre, local de treino e colegas. Também o respeito ao adversário é cultivado: podem ocorrer provocações e intimidação entre os lutadores antes e durante a luta, porém, apesar de parecer ofensiva a troca de golpes e a intenção de causar danos físicos ao adversário, existe a consciência de que se trata de um esporte e, no caso da luta profissional, o adversário é também um colega de profissão; assim, ao final do combate, é costume os lutadores se cumprimentarem entre si e à equipe do adversário, trocando palavras de respeito, admiração e incentivo, seja qual tenha sido o resultado da luta.

4.3 MUAY THAI NO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL

O brasileiro é, ao menos em sua história recente, um povo receptivo aos esportes de combate. A exemplo, o boxe foi o segundo esporte mais popular no Brasil em meados do século passado; nos anos 1980, tivemos alguns campeões mundiais na modalidade de kickboxing full contact; sem mencionar o jiu-jitsu, adaptação de arte marcial japonesa, feita por brasileiros nos anos 1920, que originou uma nova modalidade, hoje reconhecida e praticada mundo afora (Awi, 2012).

O muay thai chegou ao Brasil por volta da década de 1980, já com boa receptividade no meio da luta. Constatou-se, através da observação assistemática e das entrevistas, que não se tem certeza sobre os detalhes da sua introdução, mas uma das histórias mais populares é a de que a arte foi introduzida por um mestre de tae kwondo no Rio de Janeiro que disse ter passado uma temporada na Tailândia, então criou sua própria equipe de muay thai e formou inúmeros mestres,

os quais foram difundindo a arte pelo país; especula-se também que o muay thai tenha começado a ser praticado e ensinado, sem instrução técnica específica prévia, por mestres de outras artes com base no desenho animado japonês *Sawamu*, transmitido na televisão brasileira nos anos 1970 e 1980. Delp (2012) afirma que métodos de propagação como este são bastante comuns na história da difusão do muay thai ao redor do mundo, sendo introduzido através de mera mimetização de movimentos e adaptação às técnicas de modalidades mais populares, sem capacitação apropriada ou contato com a cultura marcial. Tal comunicação com a cultura de outros tipos de luta pode explicar, por exemplo, a aplicação de sistemas de graduação, no Brasil e em outras partes do mundo, os quais não fazem parte da cultura do muay thai na Tailândia²³ (Delp, 2012) – evidenciando-se mais uma vez a faceta de troca mútua que a arte marcial faz com o local onde se estabelece, enquanto atividade imaterial de cunho afetivo (Pelbart, 2000).

No Rio Grande do Sul, também não há unanimidade sobre a introdução do muay thai: há uma história sobre um estrangeiro, nos anos 1980, com experiência na Tailândia, que ensinou a modalidade para um pequeno grupo no interior do estado; outra versão é sobre um mestre de kickboxing que participou de um seminário ministrado por um mestre holandês em São Paulo e passou a ensinar a modalidade no Rio Grande do Sul; fala-se ainda que mestres de taekwondo tenham adaptado técnicas desta arte, semelhante ao pioneiro do Rio de Janeiro supracitado, ou também que tenha sido um dos próprios discípulos deste mestre o precursor do muay thai gaúcho.

4.3.1 Estabelecimento

Recentemente, as artes marciais e lutas em geral tem despertado enorme euforia no Brasil, com a transmissão pela televisão de grandes campeonatos nacionais e internacionais, até mesmo ao vivo em canais de tevê aberta, inclusive com a participação de lutadores brasileiros. O maior exemplo deste fenômeno desportivo é o evento de megaestrutura *Ultimate Fighter Championship* (UFC), maior campeonato de MMA do mundo. Apesar da aversão daqueles que não conseguem conceber como *esporte* uma atividade em que “sangrar é tão normal quanto suar” (Awi, 2012,

²³Recentemente, a fim de suprir a demanda de estrangeiros por legitimação de sua capacidade técnica, algumas entidades tailandesas de muay thai passaram a chancelar graduações mundo afora e graduar turistas praticantes; ainda assim, esta não é uma prática tradicional entre tailandeses, mas sim uma prática comercial (Ribeiro, 2015).

p.19) o evento apresentou crescimento desenfreado nas últimas décadas. Segundo Awi (2012), o UFC é transmitido a 600 milhões de lares, em 145 países e em 22 idiomas, e a marca UFC já é a marca esportiva mais valiosa nos EUA, superando a Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) e Associação Nacional de Basquete (NBA).

As regras do MMA exigem que os combatentes dominem uma ampla variedade de técnicas, por isso seus célebres lutadores costumam ter experiência e formação em diversos tipos de luta. Assim, o sucesso colossal do MMA acaba emprestando popularidade a outras modalidades, e no Brasil, o muay thai é uma destas de maior evidência: oferecem-se aulas em muitas academias, tanto de luta quanto de *fitness* – hoje, poucos bairros em Porto Alegre não possuem ao menos um estabelecimento que disponha de aulas desta modalidade; a partir de 2007, houve notável proliferação de eventos de competição, e atualmente, no Rio Grande do Sul, pode-se dizer que num período de dez dias ocorre ao menos um campeonato de lutas que inclui a modalidade do muay thai.

Também a recomendação do muay thai por celebridades da grande mídia, como meio de se auferir saúde e boa forma física, foi essencial para despertar tamanho interesse na modalidade, principalmente no que diz respeito ao público feminino: durante a observação sistemática, presenciaram-se praticantes listando atrizes e cantoras famosas que praticavam muay thai para manter o corpo em forma, desopilar a mente e descarregar tensões e estresse cotidianos. Assim, conforme se constatou ao longo deste estudo, a maior parte do público que procura aulas de muay thai não tem intuito de participar de competições nem se tornar lutador profissional. Esta questão é muito característica da forma moderna de propagação das artes marciais enquanto estratégia consumista (Bauman, 2008b). Conforme afirma Padilla (2012), em outras épocas, as artes marciais eram ocultas, de domínio de grupos restritos e o conhecimento dos mestres era transmitido a poucos selecionados, e não havia motivação comercial para seu ensinamento, apenas cultural e marcial. O conhecimento sobre as modalidades de artes marciais orientais, quando trazido para o ocidente, foi perdendo o sentido propriamente marcial e seu ensinamento passou a ser visto como oportunidade de negócio. Esta mudança foi propensa no período pós-reestruturação econômica, em que houve uma grande massa de desempregados buscando se reestabelecer profissionalmente, boa parte, migrando para o setor de serviços (Harvey, 2002). As artes marciais difundidas no ocidente pós década de 1970 e 1980, como é o caso do muay thai no Brasil, já estavam inclinadas a assumir o modelo comercial, oferecendo-se aulas a um público

muito amplo, pouco discriminado, e sua crescente popularidade pode ser explicada por sua inserção na estratégia consumista: quando apresentado pela mídia enquanto estilo de vida *fitness* das estrelas das telenovelas, induz ao consumo de subjetividade concretizado nesse modo de vida (Pelbart, 2000).

4.3.2 Ensino e treinamento

Segundo se constatou nas entrevistas e observação de campo, na Tailândia há o aspecto cultural do contato quase inevitável que o povo estabelece com seu esporte nacional (semelhante ao futebol para os brasileiros); existem academias que oferecem aulas comerciais, porém, o foco da maioria é a competição profissional. Obviamente o interesse nas competições é também econômico, porém, os moldes em que ocorrem são diferentes do ocidente, uma vez que há vasta procura entre jovens que desejam se tornar lutadores profissionais, os treinadores das academias de competição se reservam o direito de selecionar seus alunos e conduzir o treinamento a seu modo, sem deixar de lado o ensinamento filosófico da arte e suas tradições. No Rio Grande do Sul, a grande maioria dos estabelecimentos que oferecem muay thai são academias *fitness*, há poucas academias especializadas somente em luta, quanto menos exclusivamente em muay thai - mesmo porque é provável que não houvesse público suficiente para mantê-las em funcionamento. Também a maioria das equipes de luta não possui sede própria e alugam o espaço em academias não especializadas em luta, tanto para as aulas comerciais, quanto para o treinamento dos atletas – dentre as 15 equipes de muay thai visitadas durante a observação de campo, apenas 4 treinavam em sede própria.

Buscando se adequar a lógica do consumo e se manter atraente e consumível (Bauman, 2008b; 2009), muitas equipes e academias dispõem de aulas de muay thai voltadas à atividade aeróbica e treinamentos dinâmicos, deixando o rigor técnico em segundo plano para atender ao volumoso público interessado na perda de gordura corporal ou desempenho de atividade lúdica, se enquadrando na estratégia consumista do tão desejado estilo de vida *fitness*. As motivações do público são as mais variadas, há desde questões estéticas a psicológicas e sociais: emagrecimento, ganho de massa muscular, melhora da capacidade aeróbica, desenvolvimento de coordenação

motora, desenvolvimento cognitivo, domínio sobre seu corpo, lazer, abstração e descarga de tensões cotidianas, descarga de competitividade, controle emocional, melhora da concentração, saúde e bem-estar, competição, graduação, conhecimento sobre a arte marcial e cultura tailandesa, interação com o grupo, espírito de equipe, sentimento de pertencimento etc. Fica evidente assim que os diversos benefícios que o muay thai pode prover aos praticantes removem seus afetos e sua subjetividade, são intangíveis, propriamente característicos da atividade imaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Grisci, 2008).

O vislumbre da arte marcial como oportunidade de negócio, buscando atender às necessidades do público interessado no aspecto menos marcial do muay thai, levou ao desenvolvimento e propagação de metodologias de treinamento e formato das aulas mais brandos, acessível ao público de não atletas; a história e tradições do esporte também é pouco enfatizada. Há muita polêmica em torno deste modelo de aulas, uma vez que professores e equipes que prezam pela questão desportiva, rigor técnico e tradições da modalidade alegam que, desta forma, perde-se a essência da arte marcial e, na verdade, o que é ensinado já não é muay thai. Nesse sentido, Simão (2015) afirma que conhecer a cultura da arte marcial é fundamental para que o esporte não se resuma a “pancadaria”.

4.3.3 Regras de competição

Conforme informações coletadas na observação assistemática, a prática desportiva do muay thai no Rio Grande do Sul hoje está dividida entre amador e profissional. Entre federações, ligas e associações, existem em torno de dez entidades reguladoras do esporte atuantes no estado e seus regulamentos apresentam pequenas diferenças entre si. Em geral, nas competições, os atletas são divididos por categorias de peso e classes por experiência e faixa etária, além da divisão por gênero. As categorias de peso previstas nos regulamentos das entidades são aproximadamente doze e variam em média a cada quatro quilos. Sempre antes de lutar, os competidores se submetem a comprovação de seu peso corporal na ocasião da pesagem oficial do evento, atestando assim estarem dentro dos limites de peso da categoria em que pretendem lutar.

Em geral, atletas a partir de 18 anos competem na classe adulta - separados sempre por gênero e pelas categorias de peso - conforme número de lutas (critério de experiência), correspondendo às classes A, B, C e D, conforme quadro seguinte:

CLASSE	Nº de Lutas
D	Até 3
C	4-6
B	7-9
A	Dez ou mais

Quadro 1: Classes adultas

Fonte: dados da pesquisa

Com correspondência aproximada ao número de lutas da divisão acima, algumas competições diferenciam as classes entre *estriante* ou *iniciante* (D), *amador* (C) e *semiprofissional* (B e A) - esta será a nomenclatura adotada doravante.

Existe legislação no Estado do Rio Grande do Sul que proíbe lutas de muay thai entre menores de 16 anos de idade, mas os regulamentos de algumas federações preveem lutas a partir de 12 anos. Geralmente, os atletas menores de 18 anos, segundo os regulamentos, são divididos em três classes, conforme quadro a seguir:

Classe	Faixa etária (em anos)
Infantil	12-13
Juvenil	14-15
Juniores	16-17

Quadro2: Classes infanto-juvenis

Fonte: dados da pesquisa.

Há federações que preveem também uma divisão de classe máster, para atletas acima de 35 anos, mas não são combates que ocorram com frequência, pois, em geral os raros atletas desta categoria optam por lutar na classe adulta regular, até mesmo pela dificuldade em se encontrar adversários na faixa etária.

Geralmente, os equipamentos de proteção utilizados e o limite de tempo de duração das lutas variam de acordo com as classes. Atletas infanto-juvenis utilizam protetor bucal, protetor

genital (em combates masculinos), bandagens nas mãos, luvas, caneleiras, capacete, protetor de tórax e cotoveleiras (quando cotoveladas são permitidas, pois, em muitas competições, em qualquer classe amadora se proíbe esse tipo de golpe pelo alto risco de cortes e sangramento); apesar de previsto em alguns regulamentos, na observação de campo não se constatou a prática do uso de protetor de seios nos combates de muay thai feminino. Geralmente, nos combates adultos, iniciantes e amadores utilizam os mesmos equipamentos dos juvenis, excetuando-se protetor de tórax e, em alguns casos, capacete. Na categoria semiprofissional, não se faz uso de capacete nem de protetor de tórax, e, em boa parte dos casos, se utilizam cotoveleiras, pois as regras permitem a execução das técnicas de cotovelo.

O regulamento de nenhuma das entidades reguladoras consultadas explicita a questão, mas, apesar de algumas ocorrências divergentes, subentende-se que lutas profissionais só são permitidas entre adultos e nestas não se faz separação por faixa etária ou experiência; os lutadores se dividem somente entre as categorias de peso e divisão por gênero. Utilizam-se como equipamentos de proteção apenas luvas, bandagens, protetor bucal e genital, e normalmente é vedado o uso de camisetas nos combates masculinos – a região torácica do atleta deve estar exposta; o traje obrigatório é o calção típico do muay thai, geralmente feito em tecido de cetim brilhoso, com elástico firme na cintura e de caimento mais solto no quadril e nas pernas, de modo a permitir gestos amplos e bruscos. Qualquer golpe previsto nas técnicas de muay thai é permitido nestes combates - inclusive joelhadas no rosto, as quais geralmente são proibidas em quaisquer das classes amadoras. O tempo de duração das lutas costuma ser dividido em três *rounds* de três minutos cada, com intervalos de um minuto, podendo haver um *round* extra para desempate. Há entidades que regulamentam a divisão da luta em cinco *rounds* de três minutos, com intervalos de dois minutos, conforme a regra oficial nos estádios da Tailândia, e cada vez mais as competições no estado estão buscando se adequar a origem.

Até meados de 2016, não era usual ver combates entre atletas menores de 15 anos no Rio Grande do Sul; porém recente aproximação dos gaúchos com a cultura original do muay thai na Tailândia encorajou que se realizassem lutas entre crianças abaixo de 12 anos de idade. Algumas destas lutas ocorrem a título de *luta de apresentação*, onde o árbitro central exerce maior intervenção a fim de controlar a contundência do combate e evitar lesões ou nocaute; nesta categoria se visa ao lúdico e/ou educativo, assim, é sempre declarado empate como resultado, desconsiderando o desempenho dos participantes.

Diferentemente do que ocorre em outras modalidades de luta, como no boxe, após ter se profissionalizado, o lutador de muay thai pode continuar competindo em modalidades amadoras, seguindo o critério do número de lutas. É bastante comum ver, em campeonatos em que se disputam títulos estaduais ou nacionais, lutas de classe A, considerada amadora, entre lutadores profissionais e é recorrente que estes participem de competições amadoras em nível internacional também, almejando a conquista de títulos em campeonatos expressivos.

4.3.4 Graduações e rituais

Conforme se constatou em campo e na coleta de dados, no Rio Grande do Sul (como em diversas outras partes de Brasil e do mundo), os praticantes de muay thai são testados e nivelados de acordo com seu domínio das técnicas e tempo de treinamento. Nos primórdios desta prática, usava-se uma faixa colorida amarrada à cintura indicando o nível de instrução do graduado, tal qual ocorre no tae kwondo, kickboxing e em diversas artes marciais japonesas; atualmente, devido a maior aproximação com a cultura tailandesa, o grau do praticante é indicado pela cor do *prajied* - conquanto este uso não possua relação alguma com a tradição do muay thai na Tailândia (Delp, 2012; Ribeiro, 2015).

Em geral, os exames de graduação são organizados por federações, ligas ou associações que regulam o muay thai, devendo ser chancelados por órgão de autoridade nacional ou internacional, seguindo seu sistema de graduação. Ocorrem casos de equipes e professores que graduam seus alunos de forma independente, com seu próprio sistema de graduação, sem outorga de entidade superior, e, algumas vezes, sob responsabilidade de alguém que não apresenta a devida capacitação ou competência formal. Esta situação é considerada irregular e os certificados emitidos não possuem validade alguma perante outras entidades, além de expor os praticantes a riscos, por não ser conduzido por profissional qualificado. Mas estes casos são exceções.

As entidades reguladoras determinam as datas de seus exames e os professores das equipes convocam seus alunos a participar, indicando quem está apto e pra que nível deve prestar o exame, e os prepara para o teste. Há professores e equipes que exigem que seus alunos prestem exame com certa regularidade, a fim de atestar sua evolução na arte e motivá-los a buscar

excelência técnica. Os alunos estão aptos a participar dos testes mediante inscrição prévia, com concordância de seu professor, e pagamento da taxa, a qual varia conforme o grau pretendido e complexidade do teste. Na maioria dos regulamentos consultados não está explícita a exigência de filiação às entidades para a participação do praticante nos testes; apenas uma das entidades requisita explicitamente a filiação. Algumas deixam subentendida esta obrigatoriedade e por outras se subentende que a filiação é automática ao se graduar, mas não deixam claro. Ao ser aprovado no exame, o praticante recebe um certificado, atestando sua aprovação como graduado, e o *prajied* na cor que representa seu grau.

Cada entidade tem seu sistema de graduação, que classifica a experiência dos praticantes, geralmente, em mais de dez níveis (há entidades que preveem até 16 graus). Estes níveis são subdivididos entre iniciante, intermediário e avançado, conforme o tempo de experiência e domínio técnico requisitados. Os praticantes aprovados em níveis mais avançados, obedecendo também um critério de idade, são qualificados a dar aulas sob o título de instrutor, professor, mestre e grão-mestre – para estes dois últimos, ainda pode haver a exigência de ter formado alunos ao grau de professor.

Raramente é exigida a execução das danças cerimoniais tailandesas em competições. Alguns campeonatos exigem a entrada no ringue e a execução do wai kru utilizando-se *mong kon* e *prajied*. Mesmo quando não há obrigatoriedade, a maioria dos atletas, tanto amadores quanto profissionais, fazem uso do *prajied* durante a luta, e alguns já o utilizam conforme simbologia tradicional da Tailândia (amuleto de sorte), e não enquanto indicativo de graduação. Muitos também realizam espontaneamente a entrada no ringue de *mong kon* e *phuang malai*.

Algumas entidades declaram em seus regulamentos a exigência de graduação para participar dos eventos de competição; porém, na prática, tal critério não tem aplicação e fica sob responsabilidade do professor julgar seu atleta apto a competir. Também nenhuma graduação atesta qualificação para o praticante lutar profissionalmente, bem como nenhum regulamento consultado dispõe de uma definição de luta ou lutador profissional. Os regulamentos apenas diferenciam as regras de combate e o uso de equipamentos de proteção entre os lutadores amadores e os profissionais, que variam a cada entidade reguladora e a cada campeonato. Algumas entidades recomendam a profissionalização dos atletas mediante o critério de haver realizado um mínimo de dez lutas amadoras e ter considerável tempo de treinamento, porém nenhum critério é de caráter obrigatório. Os regulamentos dos campeonatos consultados não

exigem obrigatoriedade de filiação a qualquer entidade, nem de atestar nível mínimo de graduação para participar de disputas profissionais, o que pode abrir precedentes a profissionalização de atletas despreparados ou de nível técnico insuficiente.

O presente estudo atribui a inserção da graduação na cultura do muay thai no Brasil e no Rio Grande do Sul a dois pontos-chave. Primeiro, à difusão do muay thai por mestres de outras artes marciais, que já estavam familiarizados aos sistemas de graduação das mesmas, evidenciado pela replica do uso de faixas na cintura e sistema de cores de cada nível. E segundo, ao modelo comercial assumido na propagação do muay thai pelo mundo, inserido na estratégia consumista da sociedade líquido-moderna (Bauman, 2008b; 2009): além de elevar o consumo em torno do muay thai, ou seja, torná-lo propriamente consumível, visto que a organização de graduações é também uma forma de negócio, testar e classificar os praticantes os faz se sentir aptos e de certa forma consumíveis. Também a periodicidade dos testes e a cobrança para que os alunos participem criam a atmosfera de “expiração” do grau adquirido, fazendo o praticante sentir necessidade de permanecer treinando, a fim de se superar e não estagnar, renovando continuamente a sensação de que a conquista do grau não é a linha de chegada, mas sim o primeiro degrau da sua preparação para o próximo nível. Reproduz o horror da obsolescência, da expiração, de ser ultrapassado e descartado (Bauman, 2009).

4.4 MUAY THAI: A PROFISSÃO E AS ESTRATÉGIAS DE VIVER A VIDA

4.4.1 Competições

Os eventos de competição de luta no Rio Grande do Sul tem se tornado cada vez mais frequentes desde 2007, e, apesar de não haver registros documentais que atestem, entre 2015 e 2017 notou-se crescimento relevante. Entre campeonatos amadores e profissionais de diversas modalidades, sobretudo, muay thai, kickboxing e MMA, realizam-se diversos eventos mensalmente, ao menos um a cada dez dias e por vezes chega a ocorrer mais de um no mesmo final de semana. Também alguns campeonatos começam a se realizar com regularidade,

apresentando diversas edições, e acabam se tornando conhecidos no meio, auferindo credibilidade e oportunidade de crescimento.

Durante a observação de campo, compareceu-se a 58 eventos de competição de diversas modalidades de luta, amadoras, profissionais e mistas. Nos eventos mistos, a proporção de lutas amadoras para lutas profissionais era sempre maior que 2 para 1. Entre amadores, mistos e profissionais, 36 campeonatos apresentaram exclusivamente lutas de muay thai; 15 apresentaram lutas de muay thai entre outras modalidades e 7 não apresentaram lutas de muay thai. Dentre os campeonatos que apresentaram somente lutas de muay thai, 19 eram mistos, 9 amadores e 8 profissionais; 2 eventos foram interditados antes da consecução de todas as lutas previstas ou cancelados na véspera.

Observou-se que a divulgação dos eventos ocorre majoritariamente através de redes sociais virtuais, principalmente Facebook e Instagram. O organizador do evento, que na maioria das vezes é também professor e líder de equipe (conforme observado em ao menos 49 dos eventos a que se compareceu), publica em seu perfil pessoal, ou perfil da entidade que representa, o *cartaz do evento* - geralmente uma imagem de luta divulgando informações como data e local de realização, período e taxas de inscrição, valor dos ingressos etc. -, orienta treinadores interessados em inscrever seus atletas a entrar em contato através das próprias redes e convida amigos e contatos a prestigiar as lutas. Assim, tais ferramentas virtuais se mostraram o principal meio de divulgação dos campeonatos e de comunicação entre organizadores dos eventos, equipes de competição e público.

Nesse ponto é relevante destacar a importância do uso das redes sociais para o crescimento do muay thai gaúcho. Foi perceptível ao longo da observação de campo o quanto a popularização do Facebook, por exemplo, ofereceu facilidade e velocidade de comunicação entre organizadores de eventos, equipes, patrocinadores e público e promoveu integração da comunidade, propiciando o aumento da frequência dos campeonatos. Também nas redes sociais, professores e lutadores fazem divulgação de seu trabalho publicando vídeos e fotos dos treinos, resultados das competições, divulgando seus apoiadores e patrocinadores, convidando seus contatos a visitar as academias e prestigiar seus atletas nas competições etc. O acesso frequente às redes sociais facilita à organização dos eventos saber quais lutadores e equipes estão ativos e disponíveis para competir; as equipes e público conseguem ter acesso rápido e fácil às informações sobre os eventos, incorporando esse contato com a luta na sua atividade cotidiana,

uma vez que nem mesmo é necessário que se busque especificamente por esse tipo de informação – basta iniciar o aplicativo ou página na internet que as publicações saltam aos olhos; também é possível conhecer e se inteirar sobre as atividades dos adversários – quem são, como e o quanto treinam, seus hábitos cotidianos etc.

Além de revelar aspectos da vida pessoal de cada um, nas redes sociais também se podem observar aspectos mais humanos nas relações dentro do muay thai, interações e envolvimento subjetivos entre os membros da comunidade e manifestação de opiniões sobre o mundo da luta e a situação do muay thai. Em agradecimentos enternecidos, comentários despreziosos ou protestos enfurecidos se expõem as desavenças, alianças, afetos e desafetos, as trocas de equipes pelos lutadores, os aspectos políticos dos bastidores dos campeonatos, dentre muitas questões que contribuem na construção do cenário do muay thai no Rio Grande do Sul. Assim, a forma de utilização das redes sociais no muay thai evidencia a integralização pelo indivíduo do controle de suas atividades através das tecnologias diluídas no cotidiano (Pelbart, 2000).

O valor dos ingressos comuns dos eventos a que se compareceu variou de 5 a 50 reais. Alguns poucos eventos dispunham de área vip com acomodação e valor de ingresso especial e apenas um evento de que se teve notícia despontou com ingresso mínimo de 150 reais, por se tratar de evento de porte e estrutura diferenciada. Observou-se que na maioria dos eventos o valor dos ingressos custa em torno de 25 reais e alguns exigem doação de alimentos não perecíveis ou brinquedos.

O valor das inscrições para participação de atletas amadores costuma variar de 25 a 70 reais, mas a maioria dos eventos cobra em torno de 40. Atletas inscritos em categorias semiprofissionais por vezes são isentos de taxa de inscrição, apesar de serem considerados amadores também. Os eventos oferecem premiação referente à participação a todos os atletas após a luta, independentemente de resultado, classe ou categoria; em geral, medalhas de material metálico e algumas vezes troféus aos vencedores, mais recorrente em lutas profissionais.

Observou-se que os valores das bolsas pagas aos atletas profissionais de muay thai no Rio Grande do Sul variam de 100 a 600 reais e alguns eventos oferecem um bônus ao vencedor. Foi declarado pelos lutadores nas entrevistas valores entre 200 e 400 reais. Já um dos organizadores de eventos declarou oferecer valor mínimo de 500 reais em seus eventos (O1). Com certa frequência se observa queixas dos organizadores de eventos sobre a arrecadação com bilheteria e patrocínios não ser suficiente para cobrir os valores das bolsas e os mesmos recorrem a recursos

personais para cumprir as obrigações dos contratos. Não tão raro, também ocorrem rumores sobre os eventos não pagarem integralmente o valor acordado, principalmente em casos em que não se firma contrato formal registrado em cartório.

Alguns eventos sequer oferecem bolsas em dinheiro, apenas disponibilizam ao lutador uma cota de ingressos, geralmente no valor de 200 a 300 reais, para que ele próprio os venda. Caso não obtenha sucesso nessa tarefa extra, fica sem remuneração. Essa prática ganhou bastante popularidade em 2016 e desde então são raros os eventos que não oferecem ao menos uma parcela da bolsa em ingressos.

Em geral, os contratos estabelecidos entre evento e atletas são referentes a apenas uma luta. Às vezes é oferecida ajuda de custo extra, caso o lutador esteja se deslocando de sua cidade e precise de transporte e acomodação no dia da luta. Porém, os contratos se eximem de qualquer custo relativo à preparação do lutador, como treinamento, transporte, alimentação, suplementação e eventuais gastos médico-hospitalares, inclusive os que podem vir a ocorrer em decorrência da luta. Também, se por qualquer motivo a luta for cancelada ou o lutador não puder lutar, nada lhe é pago e nenhum gasto é reembolsado. O evento contratante paga apenas pelos 20 minutos que o lutador se apresenta em cima do ringue, ou seja, apenas o resultado final, desconsiderando todo o processo. Fica evidente assim que o lutador é propriamente um empreendedor de si mesmo (Alberto, 2011), é gestor de seu próprio capital humano e deve ser capaz de vender sua força de trabalho através do trabalho gratuito (Gorz, 2005), invisível principalmente ao público leigo que conhece apenas o trabalho final já dentro do ringue.

A maioria dos eventos a que se compareceu foi realizada em ginásios poliesportivos, contando com arquibancadas e cadeiras de plástico para acomodação do público. A área de aquecimento para os atletas em geral é improvisada em área isolada do ginásio e, em alguns casos, com o piso revestido por algumas placas de tatame, proporcionando maior conforto e segurança. Na maioria dos eventos, lutadores adversários dividem o mesmo espaço de preparação, vestiário e/ou banheiro, inclusive compartilhando este com o público expectador. Os eventos contam com a presença de ambulância e equipe de paramédicos de prontidão no local, cumprindo norma legal para realização de eventos desportivos de combate corporal.

Antes de qualquer luta de muay thai, mesmo lutas de apresentação, os atletas comprovam estar dentro dos limites de peso de sua categoria na ocasião da pesagem oficial do evento, que geralmente ocorre no próprio local do evento ou imediações. No caso de lutas amadoras, a

pesagem costuma ocorrer na manhã do evento e lutas profissionais, na noite anterior. Eventos mistos ou profissionais algumas vezes realizam cerimônias abertas de pesagem, como forma de chamar atenção do público local, promover as lutas profissionais e o evento de forma geral e apresentar os patrocinadores.

Mais observado em campeonatos amadores ou mistos, logo antes de se dar início às lutas ocorre uma *reunião técnica* entre a organização do evento, treinadores e arbitragem para brevemente comunicar, discutir, acordar e tirar dúvidas sobre alguns detalhes da competição, como aplicação das regras, ordem das lutas, normas do evento. A abertura de eventos profissionais costuma ocorrer com a apresentação de todos os atletas dentro do ringue.

Os campeonatos mistos e profissionais costumam ser divididos entre *card preliminar*, que dá abertura ao evento com as lutas amadoras ou de menor atratividade para o público expectador, e *card principal* ou *profissional*, que encerra o evento com as lutas profissionais ou de maior apelo frente ao público e comunidade do esporte em geral. Alguns campeonatos costumam iniciar o card preliminar com lutas de apresentação ou lutas amadoras entre iniciantes, começando pelas categorias infanto-juvenis, seguidas pelas categorias adultas, por ordem crescente de peso. Alguns eventos iniciam pelas lutas femininas. As lutas vão progredindo também por categorias de experiência, ficando as lutas semiprofissionais para o final do card preliminar e às vezes estas figuram como lutas de abertura do card principal, em geral quando são lutas de atletas já conhecidos pela organização do evento, dos quais se espera desempenho e nível técnico apreciável.

É pouco frequente o registro audiovisual oficial das lutas na íntegra, mesmo em eventos de maior estrutura ou exclusivamente profissionais. Observou-se em 2016 a venda de transmissão ao vivo via YouTube de um campeonato estadual amador de grande porte (com mais de 300 atletas inscritos). Mais tarde surgiram canais no Facebook que passaram a oferecer gratuitamente esse tipo de serviço, buscando cobrir em geral eventos e lutas de muay thai profissionais e também lutas consideradas importantes no cenário gaúcho ou de bom nível competitivo, mesmo que amadoras. Tais canais trabalham na divulgação de notícias e atualizações sobre o muay thai no Rio Grande do Sul, bem como divulgação de eventos competitivos ou instrutivos (seminários, oficinas etc.). Semelhante a outras páginas brasileiras na internet desse gênero, eles trazem também informações sobre atletas e equipes, acompanham as lutas em diversos eventos, fazendo transmissões ao vivo e comentários, e assim fomentando a discussão e elucidando questões sobre

a cultura do muay thai, tanto no Brasil quanto na Tailândia, o que a pesquisa observou oferecer notória contribuição para uma integração mais democrática dos praticantes do esporte de qualquer nível, ligados a diferentes entidades. Ao que se pode constatar, os grupos que oferecem tais serviços são mantidos através de patrocínios de empresas ligadas ou não ao esporte, às vezes equipes ou academias de luta, às vezes membros do comércio local.

Até 2016 era alarmante a frequência de atraso do início dos eventos por períodos superiores a 30 minutos. Alguns dos motivos que se pôde constatar foram: atraso na montagem do ringue, atraso da pesagem, desorganização do corpo de arbitragem, dificuldades no deslocamento de atletas e equipes de cidades diversas à do evento. Também ocorreram atrasos durante os campeonatos devido à suspensão das lutas por ocasião da ambulância se ausentar do local do evento em remoção de algum atleta para atendimento hospitalar, cumprindo com o requisito de obrigatoriedade da presença da mesma para a consecução dos combates. Outras vezes os eventos foram interrompidos para manutenção do ringue, indicando o mesmo não ter sido montado adequadamente ou a estrutura estar danificada ou desgastada, não suportando a demanda e intensidade das lutas.

Nos anos de 2017 e 2018 observou-se uma melhora significativa na pontualidade do início dos eventos e a manutenção da integridade da estrutura do ringue da primeira a última luta. Isso contribui notavelmente para maior apreciação do público, pois os atrasos e interrupções tornam desgastante a experiência de se comparecer a um campeonato, e de maneira acentuada em se tratando de campeonatos mistos, em que o público geral - salvo parentes, familiares e colegas de treino dos atletas amadores - é atraído para assistir ao card profissional. Muitos eventos também passaram a estipular horário para início do card principal, interrompendo o card preliminar em caso de atrasos, aumentando assim o comprometimento com o público e a satisfação do mesmo, uma vez que, se tratando de desporto de alto rendimento, importa gerar benefícios aos expectadores (Padilla, 2012), se apresentando apto ao consumo (Bauman 2008b; 2009).

Até meados de 2016, a arbitragem nas competições, quer amadoras, quer profissionais, era improvisada. Não era observada atuação de equipes de árbitros treinados e instruídos nas mesmas regras trabalhando em sintonia. Era comum que a organização dos eventos convidasse amigos, colegas de equipe ou de federação a exercer as funções de arbitragem - “muitos eventos pedem ajuda pra amigos do meio porque não tem gente pra ficar na mesa (*de arbitragem*)”

relatou L4 -, o que muitas vezes era feito poucos instantes antes da abertura do evento, e o momento que se tinha para acordar detalhes quanto à aplicação das regras era na reunião técnica, dando margem a muitas divergências na condução e avaliação das lutas. As falhas e falta de sintonia dos árbitros foi causa de muitas revoltas e insatisfações de atletas, equipes e público, o que fomentava suspeitas de corrupção e favorecimento por interesses pessoais (L1, L2, L3, L4, L5, L7, L12), diminuindo o prestígio e credibilidade dos eventos: “muito desmotivante, mas infelizmente é muito frequente aqui no estado”, lamenta L12.

Este estudo observou importante contribuição da formação e atuação de equipes de arbitragem profissional para melhoria da organização e qualidade dos eventos em função das mesmas se constituírem de um corpo de árbitros trabalhando em sintonia na aplicação de regras mais consistentes de condução e avaliação das lutas, bem como cumprimento mais rigoroso das normas quanto à duração e interrupções dos combates e do evento em geral, ordem e prazos de apresentação dos atletas, observação ostensiva da manutenção do ringue, entre outros. Também tais equipes foram formadas nesse recente período de maior aproximação da comunidade do muay thai no Rio Grande do Sul com a cultura tailandesa, seguindo o padrão tailandês de arbitragem de eventos e avaliação das lutas.

4.4.2 Lutadores profissionais²⁴

Ao que se pôde constatar a partir da coleta de dados deste estudo, a trajetória da maioria dos lutadores de muay thai no Rio Grande do Sul começa entre o final da adolescência e início da vida adulta (L1, L2, L4, L5, L7, L9, L11), em torno de dez anos mais tarde que um lutador na Tailândia. A maioria começa sem intenção de competir (L2, L4, L5, L6, L9, L11, L13) e muitos sequer sabem previamente da existência de competições da modalidade no estado, quanto menos profissionais. Alguns tomam a iniciativa de procurar o esporte por estética, buscando emagrecer, ganhar massa muscular, melhorar condições físicas etc., outros procuram uma atividade lúdica de lazer, abstração ou apenas conhecer a arte marcial e a cultura tailandesa. Dentre os entrevistados,

²⁴ Este subtítulo se refere aos lutadores profissionais de muay thai do Rio Grande do Sul de uma maneira geral, considerando tanto o observado em campo quanto as entrevistas. Quando um ou mais lutadores entrevistados se enquadrarem na situação referida no texto, os mesmos serão discriminados entre parênteses.

apenas cinco atletas declararam ter procurado o muay thai com o intuito de competir ou se profissionalizar, sendo que, estes já eram praticantes e/ou competidores de outras modalidades de luta (L1, L8, L10) ou outros esportes (L7, L12). Assim, constatou-se que o primeiro contato que os lutadores estabelecem com o muay thai não foge muito ao que ocorre com praticantes não competidores, é claramente voltado à *produção de si* (Gorz, 2005).

A história mais comum entre os atletas é que, aos primeiros contatos, acabaram gostando muito da arte, passaram a se dedicar mais e se destacar nos treinos, e então começaram a competir, fazendo lutas amadoras. Observou-se que muitos lutadores não planejam sua carreira amadora, começam a competir em pouco tempo de treino, em muitos casos com menos de um ano (L1, L2, L3, L8, L10, L12, L13), vão participando das competições que “surgem” e logo se profissionalizam, alguns com menos de um ano de experiência em competições amadoras (L1, L2, L3) e a maioria com menos de três anos de vivência²⁵ no muay thai (L1, L2, L3, L5, L7, L8, L10, L11, L13), ignorando o critério de experiência de no mínimo dez lutas - o qual não é categoricamente exigido pelas federações e organizações dos eventos, mas apenas recomendado para balizar a profissionalização. Em outras modalidades de lutas de ringue, como boxe, kickboxing (e até no próprio muay thai em outros países), os atletas costumam fazer carreira amadora mais extensa, com metas definidas como realizar um número mínimo de lutas, conquistar certos títulos, participar de determinados campeonatos etc. A exemplo deste contraste, um lutador profissional de kickboxing – o qual também é uma modalidade de luta de ringue de trocação, em que muitas vezes atletas de muay thai competem - declarou durante a coleta de dados: *“para ser um atleta bem sucedido no profissional tem que ter carreira amadora e dominar todas as técnicas da sua modalidade”*. Este começou a competir com aproximadamente dez anos de treino e se profissionalizou após participar de quase 200 lutas amadoras, bastante diverso da média de 8 lutas declarada pelos lutadores de muay thai entrevistados.

Alguns reconhecem o início de sua carreira profissional como precipitada, pois acabam encontrando dificuldades para as quais não estavam preparados, como enfrentar adversários com experiência desproporcional. Inclusive, muitos dos atletas que também competem nas regras do MMA ou estão se preparando para estreiar nesta modalidade (L1, L2, L4, L5, L6, L7, L8, L11, L12, L13) demonstraram preocupação em proceder com mais cautela e planejar a carreira, buscando evitar os erros cometidos no muay thai.

²⁵ Considerando tempo de treino e competição.

A partir do presente estudo, não se tomou conhecimento de nenhum atleta que obtenha seu sustento financeiro exclusivamente da profissão de lutador, seja através das bolsas das lutas, seja através de patrocínios e apenas um entrevistado declarou já ter recebido patrocínio em dinheiro, mas por breve período (L11). Todos os lutadores que participaram das entrevistas tem ao menos uma outra atividade profissional ou fonte de renda. Entre as demais atividades que declararam desempenhar, dez trabalham como instrutores de muay thai e/ou kickboxing (L2, L3, L5, L6, L7, L8, L10, L11, L12, L13) - um destes também ensina outras modalidades (L8) - e oito têm ao menos uma atividade profissional fora do meio da luta (L1, L2, L3, L4, L8, L9, L11, L12). O nível mínimo de escolaridade informado foi de ensino médio incompleto (L2) e a maioria ao menos ingressou no ensino superior (L1, L4, L5, L7, L9, L11, L12) – dentre estes, três concluíram seus cursos (L1, L4, L12) e três cursam ou trancaram o curso de Educação Física (L5, L7, L9); apenas um lutador não informou escolaridade.

Quando questionados sobre sua profissão, apenas três (L5, L6, L7) declararam espontaneamente a luta entre suas atividades profissionais, confirmando não ser esta a principal atividade profissional ou fonte de renda da maioria, conforme observado em campo, e indicando também não haver reconhecimento ou distinção da luta como profissão e não apenas hobby. L1, por estar em dedicação exclusiva aos treinos na época da entrevista, declarou suspeitar ser considerado “desocupado” por leigos e pessoas alheias a rotina da luta e L10 demonstrou sentir essa mesma consideração partindo de sua família, mesmo esta presenciando sua rotina e tendo acompanhado sua carreira desde o início. Constatou-se a percepção da luta como profissão condicionada à atividade de professor ou instrutor, tanto por parte do público expectador nos eventos, quanto por parte dos alunos comerciais nas academias, situação bastante diversa da que ocorre na Tailândia, onde, sob nenhum regimento legal, apenas norma cultural, lutadores não exercem atividade de professor, somente após se aposentar dos ringues. L3 afirmou: “quando se dá aulas é que pros leigos se torna um trabalho de tempo integral, como se treinar o dia todo não fosse (...) mas é porque não dá pra depender de lutar pra se sustentar”. Nesses termos, fica evidente o quanto o valor econômico de sua profissão (Gorz, 2005) define a imagem e a identidade do lutador perante a sociedade: se ocupar de uma atividade profissional que, mesmo que extremamente solicitante, não o torne por si só um membro legítimo e ativo da sociedade de consumidores, é o mesmo que ser desocupado; é caminho para o descarte na pilha de lixo (Bauman, 2008b; 2009).

Conforme observado, em geral a preparação dos lutadores consiste em uma rotina de três a seis horas de treino, cinco a sete vezes por semana, envolvendo treinamento específico de luta e treinamentos de preparação física, como musculação, treino funcional e corrida. Em alguns casos, os dias de repouso são aqueles em que não há treino tão intenso e o atleta se empenha em treinos técnicos, estratégicos, recuperativos ou corrida. A maioria dos lutadores não possui plano de saúde (L2, L3, L4, L5, L8, L9, L10, L13), mas quase sempre se faz necessário algum tipo de auxílio médico ou fisioterapêutico durante a preparação, bem como o uso de analgésicos, relaxantes musculares e anti-inflamatórios, pois as lesões, que vão de hematomas e fraturas a concussão cerebral, são recorrentes e praticamente inevitáveis e por isso, a não ser em casos graves (menos frequentes do que se pode imaginar – “é mais comum se lesionar jogando futebol do que lutando muay thai”, segundo L13), não são motivo para se adiar ou cancelar lutas – conforme afirmou L10, “ninguém chega na luta 100% (...) já quebrei o nariz, acho que já quebrei um dedo, mas a gente continua lutando”. Não raro, atletas lutam mesmo com lesões sérias e risco de agravamento do quadro, por orgulho, receio de decepcionar familiares, amigos e equipe ou de ser taxado de covarde (L3, L7, L8, L10, L11). Ora passageira, ora crônica, faz parte da vida do atleta suportar e conviver com a dor, e as situações de lesão devem ser contornadas de forma rápida e imediata, para que não prejudique ou interrompa a rotina de preparação.

Preparação de luta também envolve cuidados com alimentação, preparação psicológica e repouso. Poucos atletas dispõem de acompanhamento nutricional e psicológico profissional, em geral os que têm vínculo com equipes de MMA, porém a maioria encontra meios próprios de lidar com essas questões, pois são imprescindíveis à luta (L3, L8, L10, L11, L12). Além de ter que manter uma alimentação saudável e equilibrada, voltada a apresentar alto rendimento e recuperação física satisfatória nos curtos períodos de repouso, a questão da dieta e nutrição ganha ainda mais importância pela situação do controle do peso corporal para se manter dentro dos limites da categoria.

A luta em si é uma situação que põe o corpo e a mente em modo de estresse intenso, pois solicita instintos de sobrevivência. Muito frequentemente, em momentos pré-luta, o lutador entra em estado psicológico de ansiedade, medo, insegurança etc. (L1, L2, L4, L5, L7, L8, L9, L10). Acredita-se que seja natural o abalo emocional em esportes individuais, mas a percepção da intensidade das emoções em se tratando da luta é intensificada, afinal, conforme declarou jocosamente L9, “não é todo esporte que tu tá indo te encontrar com alguém querendo arrancar

tua cabeça a soco”. Não há como se esquivar dessas sensações, mesmo porque são necessárias para deixar o corpo e a mente em alerta, em estado de adrenalina que ativa os reflexos, portanto, são coisas que o lutador precisa sentir e ao longo de sua experiência ele aprende a administrar essa situação e usá-la a seu favor, a ansiedade pré-luta diminui e seus efeitos são controlados – “na luta a adrenalina é diferente (...) mas sabemos que não tem pra onde fugir”, afirma L2, sobre ter que lidar com o nervosismo. O lutador entregue a sua ansiedade prejudica significativamente seu desempenho no ringue – o abalo evidente pode deixar o lutador hesitante, dar confiança ao adversário e pode também prejudicar suas condições físicas, lhe fazendo perder o fôlego e cansar mais rápido. Conforme afirmou L7, “na dor, na fadiga e no estresse é a mente que sustenta o corpo. Com a mente entregue, o corpo se rende”. Bastante nítido nesse ponto a intensa solicitação da subjetividade (Pelbart, 2000) do lutador na capacidade de controlar sua mente, administrar emoções e conhecer a si mesmo.

Além da dieta ter relação direta com o desempenho físico nos treinos, a restrição alimentar também acarreta consequências emocionais: “fico sem paciência, irritado (...) quantas vezes tu foi pra aula ou foi trabalhar com fome e achou ruim só de ter que ficar sentada no ar-condicionado?”, ilustra L10 sobre estresse e transtornos de humor que a dieta costuma lhe causar em períodos de perda de peso; “a mãe também perturba, diz que eu tô comendo pouco, fica braba que eu não posso comer a comida dela e faz um monte de comida boa que ela nunca faz, parece que tá me testando (...) dá vontade de xingar e largar tudo”, evidenciando que a dieta afeta também suas relações pessoais.

Muitos atletas relatam ter dificuldades nos treinos devido à falta de estrutura física e de material humano (L2, L3, L7, L9, L10). A maioria das academias não possui ringue para que se possa fazer um treino de *sparring* nas devidas dimensões espaciais, o que limita inclusive outros treinos de movimentação. A falta de equipamentos adequados para cada tipo de treino ou materiais em boas condições de uso é outra dificuldade enfrentada. Mas o que parece prejudicar mais a preparação dos atletas é a falta de material humano: em equipes pequenas e médias, torna-se difícil encontrar colega de treino adequado em categoria de peso e condições técnicas.

As equipes de competição em geral são lideradas pelo seu fundador, que também é professor, treinador, empresário²⁶ e muitas vezes ainda é atleta (L7, L10), se encarregando por dar aulas comerciais, treinar os atletas e mantê-los motivados, marcar suas lutas, negociar as

²⁶ Acumula funções de *manager*.

bolsas dos profissionais, escolher adversários e eventos dos quais participar, negociar patrocínios e apoios à equipe e aos atletas etc. É comum que o treinador, a título de todas as funções que exerce na carreira e na preparação de seus atletas, se aproprie de uma porcentagem das bolsas das lutas que, conforme observado neste estudo, chegam até 20%. A maioria isenta seus atletas profissionais do pagamento da mensalidade da academia, mas há exceções. Algumas vezes o treinador é auxiliado por um ou dois atletas mais experientes no andamento das aulas comerciais e treinamento dos demais competidores. Equipes com muitos atletas de nível profissional, entre outros percalços provocados pela sobrecarga das funções do treinador, passam pela dificuldade da escassez de auxiliares aptos a se encarregar de treinamento de alto desempenho, pois envolve funções essenciais da preparação dos atletas, como a manipulação dos aparadores, onde o treinador também sofre desgaste físico e muito frequentemente lesões, tendo que arcar com a alta demanda de treinamento de vários atletas no mesmo período. Há casos também de atletas se preparam sozinhos para as lutas, sem auxílio de treinador ou equipe de competição (L7, L10): eles próprios agenciam suas lutas, negociam bolsas, cuidam de toda sua preparação, exercem a maior parte do treinamento apenas no saco de pancadas e às vezes treinam com alunos durante suas aulas, porém reconhecem se tratar de um método de preparação insatisfatório.

O lutador também é assolado pela sobrecarga de demandas físicas e psicológicas que a preparação para luta condiciona. Em sua atividade não há uma cartilha com a prescrição exata de como e o quanto treinar, ou o que seria considerado suficiente, satisfatório e seguro em uma preparação. Assim, a tendência é o aumento do tempo efetivo investido na tarefa e aumento de sua intensidade, pois a entrega final - a luta - tem prazo, data marcada, mas a meta é sempre superar limites. Dal Rosso (2006) observa intensificação do trabalho nos esportes e serviços imateriais, em que há cobrança por resultados e doação do trabalhador à tarefa e diz ser mais evidente quanto mais concorrido o setor de atividade. Na luta a competição é direta e a meta não é outra senão derrotar literalmente o adversário. Não importa o que se tenha feito até o momento de subir no ringue, descem de lá um vencedor e um perdedor. “Perdeu, acabou. Não tem título, não tem nada, não te sobra nada. São às vezes dois, três, seis meses de preparação pra nada”, declarou L10.

Dal Rosso (2006) afirma que o esforço físico e mental empenhado exaustivamente no trabalho pode acarretar danos a saúde do trabalhador. Para o lutador dores, lesões, cansaço, fadiga, estresse, frustração etc. são parte da rotina de preparação. A fim de superar seus

adversários e seus próprios limites, o lutador mobiliza todo seu potencial sob qualquer condição e treina à exaustão, ignorando cansaço, dores e lesões. A preparação para uma luta é uma corrida contra o tempo, procura-se fazer o máximo possível. Perder treinos, pular refeições, negligenciar períodos de descanso despendendo energia em outras tarefas causa, além de mal estar físico, desconforto psicológico, o *peso* na consciência por não se estar dando tudo de si, não estar fazendo render seu tempo (Pelbart, 2000) e possivelmente não estar fazendo mais do que o adversário.

Conforme afirma Bauman (2008b) a ausência de equilíbrio entre esforço e recompensa gera sensação de fracasso, mais ainda se refletido em falta de tempo e/ou dinheiro. Na atividade do lutador esse fator é acentuado perante resultados negativos – a recompensa financeira não representa grande atrativo ou motivação na profissão do lutador, mas passar por derrotas e lesões faz pesar o baixo retorno financeiro e põe o próprio atleta, sua família e amigos a questionar se vale a pena o investimento (L2, L3, L4, L5, L7, L8, L9), mesmo porque algumas vezes as lesões sofridas na preparação ou na própria luta acabam prejudicando as demais atividades profissionais dos lutadores. Nesse ponto também transparece o contexto de vida líquida (Bauman, 2009), no receio em dar tudo de si, apostar todas as fichas numa coisa só: mesmo lutadores em boa fase, participando de competições importantes, com boas sequências de vitórias etc., reconhecem que a carreira de lutador não oferece segurança e é necessário um plano B: “caso não dê certo, faço faculdade de Educação Física, então já tenho algo engatilhado” (L5).

Conciliar a vida de lutador com demais atividades profissionais, estudos e ainda administrar o tempo que “sobra” entre família, atividades sociais e tempo de lazer, sem negligenciar o tempo de descanso - que é parte crucial da recuperação do atleta em ritmo intenso de preparação -, é um grande desafio no arranjo da estratégia de vida dos lutadores gaúchos. Muitos passam por privação de sono e sentem que não descansam satisfatoriamente, pois na tentativa de combinar todas as atividades cotidianas, acabam se engajando em jornadas muito longas, saindo muito cedo de casa para trabalhar em atividades profissionais diversas e retornando tarde após os treinos e aulas, ou vice-versa (L1, L2, L4, L7, L8, L9, L12). Algumas vezes se veem obrigados a se afastar ou reduzir a intensidade dos treinos e assim diminuir drasticamente a frequência de lutas, a fim de dar mais atenção a outras atividades em períodos críticos – estudos, questões financeiras, familiares etc. - (L1, L9, L11).

O tempo livre, administrado entre lazer e repouso, é curto: “é difícil conciliar tudo, então o lazer fica por último na lista”, lamenta L4. Muitos lutadores optam por não se engajar em atividades fora de casa e evitam a todo custo, por conta da disciplina alimentar, participar de reuniões familiares e sociais tipicamente contempladas por fartos banquetes regados a bebidas alcoólicas e refrigerantes (L2, L4, L5, L7, L8, L9, L12, L13). Aos finais de semana, onde há maior incidência de tempo livre, muitas das atividades ditas de abstração na verdade envolvem luta: comparecer a campeonatos apenas como expectadores, assistir lutas na televisão ou internet, acompanhar blogs e fóruns de luta online e até passar tempo jogando vídeo games de luta. Marcado aqui a indissociabilidade dos períodos e atividades de trabalho e de não trabalho, evidencia a interseção e dissolução de fronteiras entre vida pessoal e vida profissional (Rubery *at al*, 2005), desta vez figurando propriamente como identidade e expressão da personalidade individual, a luta é uma atividade afetiva, voltada ao bem-estar, lazer e entretenimento, que envolve a personalidade do lutador, a essência de seu engajamento na profissão faz parte das suas escolhas e gostos pessoais; mas também, a partir do momento em que se torna atividade profissional, num meio tão solicitante física e psicologicamente, se envolver em atividades alheias a ela causa o mal estar de se sentir desperdiçando tempo e energia (Pelbart, 2000; Giddens, 2002; Campbell, 2005).

Família e amigos se queixam do tempo extenso dedicado à luta, do suposto período de lazer que também acaba investido nela e da rara disposição a se engajar em outras atividades. Devido a isso, relações afetivas se rompem e, apesar de complicado e doloroso, os sentimentos parecem ser racionalizados e processados em ritmo de vida líquida (Bauman, 2008b; 2009), sem grandes apegos ou arrependimentos profundos: “terminamos (*o relacionamento*) e hoje somos bons amigos (...) não adianta, quem não é da luta não entende” (L2).

4.4.3 Estratégias de viver a vida na luta pela luta

O presente estudo constatou que o lutador profissional enfrenta batalhas diárias em prol de buscar meios de manter condições mínimas de executar sua atividade, as quais se constituem propriamente em estratégias de viver a vida em meio à sociedade de consumo (Bauman, 2008b). Identificou-se que o lutador recorre e articula estratégias concernentes principalmente a quatro

aspectos: estratégia de viver a vida em busca de superação; estratégia de viver a vida com base no “três em um”; estratégia de viver a vida em constante autoexame e autocrítica; estratégia de viver a vida com uma “carta na manga”.

Superar é palavra de ordem na atividade do lutador. As recompensas financeiras, preocupação primordial em meio à sociedade de consumo (Bauman, 2008b; 2009), não representam grande atrativo na luta profissional, assim o lutador precisa superar a falta de dinheiro e buscar fontes externas, com atividades profissionais que provenham seu sustento financeiro e, inclusive, subsidiem sua atividade na luta. Consequência direta disto, a falta de reconhecimento da luta enquanto profissão legítima e do empenho nela investido é outro aspecto a ser superado. Também, ser lutador é comprometimento de corpo e alma. Bem-estar e integridade física são secundários: ele treina apesar da dor, da fome, das lesões, do cansaço. E o desempenho dentro do ringue exige ir além – autopreservação não é uma opção. O trabalho do atleta é transformar seu corpo em máquina, é a tentativa de transcender todos os seus limites, físicos e sobretudo mentais, pois o corpo sofre e fadiga, mas é a mente que deve ser dominada para suportar a exaustão. Assim, a articulação de tais questões caracteriza uma estratégia de viver a vida em busca de superação.

O lutador se preocupa em se manter atraente aos eventos e apresentar uma boa *performance* ao público, e, de preferência, sair vitorioso dos combates. É responsável por cumprir sua rotina de preparação, driblar problemas de saúde e lesões, contornar questões pessoais e ainda dar conta de outras atividades profissionais, quando ele próprio não se ocupa também da venda de ingressos para garantir sua bolsa. Ele arca sozinho com a responsabilidade do bom andamento e resultado de seu trabalho e de manter seu sustento financeiro, e carece de quaisquer garantias. *Empreendedor de si mesmo*, o lutador é uma empresa, capital fixo que precisa ser continuamente modernizado, alargado, valorizado; ele é seu próprio produtor, empregador e vendedor e se obriga a fazer tudo quanto for necessário para assegurar sua competitividade, conforme observou Gorz (2005) sobre o trabalhador da sociedade líquido-moderna (Bauman, 2009). Em geral o lutador em preparação é orientado pelo líder da equipe, mas em meio a diversas outras atividades, de compromissos profissionais a vida familiar, ele próprio se impõe limites e constrangimentos que o mantêm regrado e focado. “Na academia até tem gente contigo (...) às vezes a família também apoia (...) mas no fim tu sobe sozinho (*no ringue*), ninguém vai tá contigo lá dentro (...) é na tua cara só que vão bater”, disse L10 sobre a luta ser um compromisso consigo mesmo e ter

que assumir as responsabilidades e consequências dela independentemente de receber auxílio ou ter com quem contar. Também a autoimposição de restrições quanto ao engajamento em atividades sociais ou de lazer retomam a preocupação em reservar o máximo de si à luta. Essa dinâmica compõe sua estratégia de viver a vida com base no “três em um”, em que o lutador, em detrimento dos demais aspectos da vida, busca se rentabilizar (Pelbart, 2000) e se multiplica no acúmulo de funções de atleta, treinador, empresário, vendedor, nutricionista, psicólogo etc.

Os inúmeros percalços presentes na vida de lutador, frente às rasas recompensas principalmente materiais - valorizadas sobremaneira em meio à sociedade de consumo (Bauman, 2008b) -, os faz frequentemente questionar se a luta é mesmo digna de tanto empenho. Bem como é preciso lidar com a crítica externa, a opinião de familiares e amigos e o grau de disposição destes em aceitar a luta. Também suas próprias condições de dar continuidade à carreira são constantemente reavaliadas: condições de saúde física e psicológica; condições materiais relativas ao treino e à preparação; condições de manter seu sustento financeiro, considerando não só a falta de tempo e disposição, mas também os danos à saúde decorrentes da luta que podem interferir nas outras atividades profissionais; condições de cumprir com obrigações familiares. Nesses aspectos está caracterizada uma estratégia de viver a vida em constante autoexame e autocrítica.

Conforme Bauman (2009) na vida líquida, vivida em condições de incerteza, insegurança e efemeridade, pouco se consolida e pode ser considerado confiável. Propriamente refletidas na dinâmica do mundo da luta, tais condições assediam os lutadores profissionais – “tu perdeu, tu não é ninguém. (...) Não te sobra nada” (L10). Assolados pela instabilidade de sua carreira e o medo de não serem capazes de obter sucesso, perderem sua utilidade, deixarem-se ultrapassar pelos adversários e serem descartados e esquecidos na pilha de lixo (Bauman, 2009), e ainda pela falta de reconhecimento da luta enquanto profissão legítima, os lutadores receiam em “apostar todas as fichas” no muay thai. Assim, a carreira de lutador segue sempre paralela a um plano B, compondo uma estratégia de viver a vida com uma “carta na manga”, pois se sente que o fracasso é iminente e é preciso garantir alguma atividade que o legitime em meio à sociedade de consumo (Bauman, 2008b), investindo em estudos, formações profissionais e outras carreiras alheias à luta.

O Quadro 3 sintetiza os quatro tipos de estratégias identificados e as ilustra com falas pertinentes dos lutadores entrevistados:

<p>Estratégia de viver a vida em busca de superação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Superar limites físicos e psicológicos • Superar falta de dinheiro • Superar falta de reconhecimento
<p><i>Lutei uma vez com uma lesão na coluna. Acordei na quinta, senti como se tivesse perdido as pernas, me chapei de remédio e fui lutar no domingo, acabei perdendo. Depois descobri, era hérnia de disco (L3). Quebrei o nariz no campeonato gaúcho na primeira luta, fui campeão lutando mais três com o nariz quebrado. Tive que operar. (...) já tive muito corte no rosto por joelhada ou cotovelada. E tive um edema na coxa uma vez por excesso de lutas. (...) cortei o rosto esses dias, tomei seis pontos. (L11). As bolsas que os eventos pagam são ridículas (L7). Não paga um dente quebrado (L3; L4; L7; L10). Meus amigos e conhecidos não levam muito a sério, acham que é um hobby (L5).</i></p>	
<p>Estratégia de viver a vida com base no "três em um"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acúmulo de funções • Multiplicação de papéis • Rentabilização de si
<p><i>Na verdade sou eu que mais me cobro (L1). Eu mesmo marco as minhas lutas e trato da bolsa com o evento (L10). Me preparei pra maioria das minhas lutas treinando sozinho na maior parte do tempo (L7). (...) procuro me manter longe de almoços ou jantãs com amigo perto da luta (L9). Prefiro descansar para poder dar o máximo de mim nos treinos e na luta também (L13).</i></p>	
<p>Estratégia de viver a vida em constante autoexame e autocrítica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar prós e contras a todo momento • Reavaliar condições • Autoquestionamento e crítica externa
<p><i>Sempre ouço que não é uma boa coisa, que lutar não vai me levar a lugar nenhum (L11). Vi que não tinha mais como continuar correndo riscos sem ganhar o que se merece (L3). Meus treinos vão diminuir agora, vou ser pai (L11). Já pensei em parar pela dificuldade em me preparar como gostaria. Sou perfeccionista e quero estar 100%, mas isso é algo que não existe (L12).</i></p>	
<p>Estratégia de viver a vida com uma "carta na manga"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Plano B • Formação e carreiras paralelas
<p><i>Eu parei de treinar no início do ano, porque não consegui mais conciliar o treino com a faculdade. (...) Acho que é bem difícil viver de luta aqui no Brasil. Vou me formar e trabalhar com musculação (L9). Caso não dê certo, faço faculdade de Educação Física, então já tenho algo engatilhado (L5). (...) se não der, não vou desperdiçar minha vida inteira nesse meio (L13).</i></p>	

Quadro 3: Composição da estratégia de viver a vida na luta pela luta

Fonte: dados da pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta profissional apresenta muitas peculiaridades que a distanciam imensamente de outras profissões, mesmo em atividades imateriais. Na perspectiva atual, embora num cenário de mudanças constantes, a luta por si só ainda não se mostra suficiente para legitimar os lutadores enquanto membros da sociedade de consumo e assim ser aceita propriamente enquanto profissão. A estratégia de viver a vida no muay thai na verdade não é fundamentada na profissão provir ao lutador meios de atuação na sociedade de consumo (Bauman, 2008b), mas sim, o lutador arquiteta sua vida e se manter consumível em meio a sociedade líquido-moderna (Bauman, 2009), para que então ele possa viver o muay thai. Assim, este estudo possibilitou constatar que o muay thai no Rio Grande do Sul enquanto profissão se constitui de estratégias de viver a vida na luta pela luta, as numerosas batalhas no caminho até o ringue.

Conforme contextualizado por Padilla (2012), o esporte profissional enquanto categoria de entretenimento promove significativa mobilização social e movimentação econômica, porém no que tange a valorização do capital humano envolvido, está estagnado no *amadorismo*, como é o caso do muay thai: o lutador profissional, apesar da dedicação, da responsabilidade e do comprometimento com seu trabalho – disponibilização de si característica do trabalho imaterial (Pelbart, 2000; Lazzarato e Negri, 2001; Gorz, 2005; Grisci, 2008) -, não é valorizado e recompensado adequadamente e exerce suas inúmeras funções, sobretudo, por paixão pelo esporte, apego a um estilo de vida e necessidade de expressão de um modo de ser. O público expectador paga para ver um espetáculo e a organização do evento se encarrega de recrutar os profissionais mais aptos a tal; porém, as condições sociais e materiais necessárias ao pleno desenvolvimento da atividade não são dadas aos lutadores, inclusive são adversas. Todo o extenso e árduo processo de preparação, de *produção de si* (Gorz, 2005), de produção da luta é ignorado, tanto pelo público quanto pelo evento; mas a pressão pelo resultado impecável é incisiva. Um exemplo bastante recorrente no futebol, os jogadores profissionais são severamente criticados quando não apresentam bom desempenho em campo, não comparecem aos treinos ou sua forma física deixa a desejar, e a relação que se faz com sua remuneração é direta: “ganha uma fortuna só para isso”. Pois, ignorando a recompensa financeira irrisória, a falta de estrutura, falta de garantias e demais

adversidades, cobrança semelhante é feita ao lutador profissional. Diante de sequência de resultados negativos, não atingir o peso, “morrer no gás”, não apresentar boa forma física, falhar na estratégia, etc., não só entre leigos, mas na própria comunidade da luta, os comentários são implacáveis - “isso é uma vergonha para um lutador profissional”.

O presente estudo foi pertinente na identificação das estratégias das quais o lutador se vale na consecução de sua atividade: estratégia de viver a vida em busca de superação; estratégia de viver a vida com base no “três em um”; estratégia de viver a vida em constante autoexame e autocrítica; estratégia de viver a vida com uma “carta na manga”. A articulação das diferentes estratégias não se mostram eficazes na legitimação do muay thai como profissão em meio a sociedade de consumo, uma vez que os lutadores não conseguem obter sustento e estabilidade financeira proveniente apenas da luta profissional. Porém, as estratégias se mostram suficientes para prover a subsistência do *modo de ser lutador*, ao menos por algum tempo.

As mudanças que se acompanharam no cenário da luta no Brasil e no Rio Grande do Sul foram bastante significativas no que concerne ao desenvolvimento do esporte de maneira geral, aproximação com a cultura tailandesa, aumento da procura da modalidade nas academias, crescimento dos eventos de competição em termos de frequência, estrutura, patrocínios e qualidade, aumento do número de competidores. Para os lutadores, a maior frequência de eventos proporciona mais oportunidades de mostrar seu trabalho e se expressar. Também é proporcional o aumento da já intensa solicitação da atividade, porém sem vislumbre de respectivo aumento de contrapartidas e garantias. Ou seja, para as condições de atuação dos lutadores, pouco mudou a não a ser a intensificação de cargas já existentes.

Falta que essa expansão do muay thai seja revertida em benefícios para os lutadores, especificamente – pois o fomento do muay thai como sonho de consumo já apresenta circulação de riquezas, principalmente às grandes marcas que promovem esportes de combate em geral: “pra lutar aqui tem que ter muito amor ou muita vontade de crescer lá fora”, declarou L4. A bolsa convertida em cotas de ingressos, em crescente popularização nos últimos anos, abstém a organização dos eventos da única contrapartida devida ao lutador, parece ser o último nível de omissão de garantias por parte do contratante e sobrecarrega o lutador em uma função extra, pondo mais uma adversidade à sua preparação. Sugestão que fica neste estudo é que, em vez desta prática, os eventos busquem patrocinadores e apoiadores direcionados especificamente a cobrir os custos das bolsas e acompanhar os lutadores contratados em sua preparação, de maneira

a oferecer materiais e/ou serviços auxiliares à rotina do atleta, como equipamentos de luta e orientação nutricional. Isso diminuiria as sobrecargas do lutador ter que lidar sozinho com percalços da preparação, agindo e reagindo frente à dinâmica das circunstâncias que mudam a todo momento.

Este estudo também sugere reflexões para a comunidade do muay thai quanto a aspectos humanos, sociais e culturais. Foi perceptível a preocupação em se reproduzir fielmente no Brasil toda a dinâmica do muay thai na Tailândia frente a recente aproximação da muay thai gaúcho com a cultura original do esporte. Porém, o contexto e as diferentes condições em que se desenvolvem devem ser considerados. Apesar de fazerem parte da cultura da luta e estarem enraizadas nas tradições, também existem aspectos negativos que devem ser repensados em vez de mimetizados irrefletidamente: parte considerável do muay thai na Tailândia se sucede em regiões humana, social e economicamente subdesenvolvidas, e, enquanto profissão e modo de vida, proporciona condições precárias aos lutadores. Também, relativo à situação da mulher, o muay thai feminino na Tailândia ainda “engatinha” e tem maior representatividade entre lutadoras estrangeiras por conta de tradições machistas impregnadas na cultura oriental, as quais consideram a mulher inferior ao homem e por isso muitas vezes sofrem restrições, como a proibição de utilizar o mesmo ringue dos combates masculinos, por exemplo. Conquanto seja um meio predominantemente masculino, contextualizado em uma cultura que não se mostra propriamente igualitária, as três lutadoras entrevistadas para fins deste estudo afirmaram ser admiradas na comunidade da luta; assim, parece louvável que se mantenha algum distanciamento das raízes do muay thai.

Em termos de metodologia de pesquisa, a observação assistemática se mostrou pertinente na aproximação com o objeto de estudo, permitindo a compreensão dos aspectos técnicos aos mais humanos do mundo e da vida na luta. A ida aos eventos, o tempo de convivência nos locais de treino e o contato com a comunidade, de maneira geral, foram essenciais para se captar e sentir a atmosfera da vida líquida e os anseios e expectativas dos membros da comunidade do muay thai gaúcho. Foi possível cumprir com os objetivos de apresentar as peculiaridades do muay thai no contexto da Tailândia, do Brasil e do Rio Grande do Sul, apresentar o perfil de lutadores profissionais e analisar o muay thai enquanto profissão e a estratégia de viver a vida.

Ao longo deste estudo, observaram-se mudanças intensas no cenário do muay thai no Brasil e no Rio Grande do Sul. Assim, as limitações do estudo correspondem à própria dinâmica

do esporte e sobretudo da vida líquida, em que mudanças bruscas tomam curso em curtos períodos de tempo: se iniciada uma nova coleta de dados no período do término deste estudo, resultados diversos dos obtidos anteriormente poderiam vir a ser revelados - outro perfil de lutador e trajetória de carreira poderiam ser apresentados; também os moldes das competições.

Ao concluir este estudo, espera-se contribuir para a reflexão da luta propriamente como profissão. Elucidar conceitos e estimular que se pense no que necessita ser feito para proporcionar aos lutadores condições materiais e sociais de exercer sua atividade e assim auxiliar na tomada de decisões no meio da luta. Pois é notório que a cobrança em relação ao muay thai profissional enquanto entretenimento e esporte de elite se faz fortemente presente; também enquanto desejo e sonho de consumo. Porém, a contrapartida e o cenário em que se apresenta estão longe de fazer jus a tal.

REFERÊNCIAS

A LAMA: No meio de tudo, existe um treinador. Direção e produção: Raphael Ribeiro. Brasil: +1Round e Acervo Thai, 2015. 25 min.

ALBERTO, Maria Angélica. Formação, trajetórias e condições de trabalho nas artes: em cena o grupo de teatro Cuíra. *In*: FERRAZ, Deise L. S. OLTRAMARI, Andrea P. PONCHIROLLI, Osmar (Org.). **Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.160-180.

ALMANAQUE ABRIL: Enciclopédia de Atualidades. **Tailândia**. São Paulo: Editora Abril, 2006. Ano 32, vol. Mundo, p.435-436.

AWI, Felipe. **Filho Teu Não Foge à Luta**: como lutadores brasileiros transformaram a MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BATISTA, Mariana Klein. **A beleza física no trabalho imaterial bancário**: produção, reprodução e padronização. 2011. 102f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BAU, Noah David. **This is My Body**. 2013. Disponível em <http://www.drift-gallery.com/noah-david-bau.html#.U2ALKPIdU2A>. Acessado em 24/03/2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Entrevista a Fronteiras do Pensamento e CPFL Energia**. Núcleo de Pesquisas e Estudos Culturais. Leeds, Inglaterra, 23 de julho de 2011.

_____. **Vida Líquida**. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BESSI, Vânia Gisele. Espaço-temporalidade no cotidiano do trabalho contemporâneo. *In*: FERRAZ, Deise L. S. OLTRAMARI, Andrea P. PONCHIROLLI, Osmar (Org.). **Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.37-51.

BUFFALO GIRLS. Direção: Todd Kellstein. Produção: Lanette Phillips and Jonathon Ker. Estados Unidos da América: 108 Media e Paladin, 2012. 64 min. Produtora: Buffalo Girls Movie e Union Entertainment Group.

CAMPBELL, Collin. I Shop therefore I Know that I Am: The Metaphysical Basis of Modern Consumerism. *In*: K. Ekström and H. Brembeck (editores). **Elusive consumption in retrospect**: report from conference. Göteborg Universitet, Göteborg, 2005.

CLUBE DA LUTA: Muay thai clandestino. Direção: Donavan Chan. Produção: Jocelyn Little. [S.l.]: National Geographic International, 2011. 45 min. Produtora: Beach House Pictures Pte Ltd e MDA Singapore. Título original: *Fight Club: Fight Club Asia – Muay Thai*.

COMBES, Muriel. Revenu garanti et biopolitique. *In*: **Alice**, nº1, setembro de 1998. Disponível em <http://www.multitudes.net>. Acessado em 31/08/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUAY THAI (CBMT). **História do Muay Thai**. 2007. Disponível em: <http://www.cbmuaythai.com.br/>. Acessado em 12/04/2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUAY THAI TRADICIONAL (CBMTT). **Muaythai**. 2015. Disponível em: <http://www.cbmtt.org/>. Acessado em 17/03/2015.

CONFEDERAÇÃO DE MUAY THAI DO BRASIL (CMTB). **Muay Thai**. Disponível em: <http://www.cmtb.com.br/muay-thai>. Acessado em 12/04/2015.

DAL ROSSO, Sadi. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.4, n.1, p.65-91, 2006.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELP, Christoph. **Muay thai básico**: técnicas introdutórias de boxe tailandês. São Paulo: Madras, 2012.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO. Glossário do Boxe. **Glossários e dicionários do boxe**. 2010. Disponível em: <http://www.boxergs.com.br/dicio1.htm>. Acessado em: 05/06/2015.

FREZZA, Márcia. GRISCI, Carmem L. I. KESSLER, Cristiano K. Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. **RAC**, Curitiba, v.3, nº3, art.8, p.487-503, Jul/Ago 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

GORZ, André. **O Imaterial - Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRISCI, Carmem L. I. Trabalho Imaterial. *In*: CATTANI, Antônio David. HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 2ªed. rev. ampl. Porto Alegre: Zouk, 2011. p.456-458.

GRISCI, Carmem L. I. CARDOSO, Jonas. Experimentação do tempo e estilo de vida em contexto de trabalho imaterial. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.12, nº4, art.6, p.851-865, Out/Dez 2014.

_____. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. **RAE-eletrônica**, v.7, nº1, art.4, Jan/Jun 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 11ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HOCHSCHILD, Arlie R. **The commercialization of intimate life**: notes from home and work. Berkeley: University of California Press, 2003.

KREMER, Antonio; FARIA, José H. de. Reestruturação produtiva e precarização do trabalho: o mundo do trabalho em transformação. **Revista de Administração**, São Paulo, v.40, n.3, p.266-279, jul./ago./set. 2005.

LAZZARATO, Maurizio. NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LIPIETZ, Alain. **Audácia**: uma alternativa para o século 21. São Paulo: Nobel, 1991.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUAY THAI CHAIYA. Direção e roteiro: Kongkai Komesiri. Tailândia: Five Stars, 2007. Título original: *Chaiya*. 116 min.

MUAY THAI DIRETO. Phuang Malai. **O Muay Thai**. 2015. Disponível em: <http://www.muaythaidireto.com/2012/02/o-phuang-malai.html>. Acessado em: 18/06/2015.

NUNES, Claudio R. F. **Corpos na arena**: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas. 2004. 251f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-

Graduação em Ciência do Movimento, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PADILLA, Luiz R. N. **Curso de Direito Desportivo**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Direito. 2012. Material de aula online. Disponível em: <http://www.padilla.adv.br/desportivo>. Acessado em 08/04/2014.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios sobre biopolítica**. São Paulo: Iluminuras. 2003.

_____. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RECH, Sabrina. **Trabalho imaterial e medo na sociedade líquido moderna: estratégia de inventar a vida de taxistas**. 2015. 148f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Raphael. Se não existe graduação no Muaythai, porque no Brasil diversas academias usam? **Muay thai no Brasil**. Acervo Thai, abr.2015. Disponível em: <http://acervo-thai.com/2015/04/01/se-nao-existe-graduacao-no-muaythai-porque-no-brasil-diversas-academias-usam/>. Acessado em 02/06/2015.

RUBERY, Jill. WARD, Kevin. GRIMSHAW, Damian. BEYNON, Huw. Working time, industrial relations and the employment relationship. **Time&Society**. v.14, nº1, p.89-111, 2005.

SIMÃO, Tiago. Qual a relação do Muaythai com o Budismo? **Muay thai no Brasil**. Acervo Thai, jun.2015. Disponível em: <http://acervo-thai.com/2015/06/06/qual-a-relacao-do-muaythai-com-o-budismo/>. Acessado em: 07/06/15.

ZARIFIAN, Phillipe. Engajamento subjetivo, disciplina e controle. **Novos estudos CEBRAP**. SÃO Paulo, nº64, Nov. 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro básico de entrevista para organizadores de campeonatos

DADOS PESSOAIS

Nome	Idade	Apelido	
Equipe		Federação	
Profissão	Escolaridade	Estado civil	Cidade

- 1) Há quanto tempo organiza eventos e/ou quantos já organizou?
- 2) Com que frequência ocorrem?
- 3) Faz ou já fez eventos em outros estados ou países?
- 4) Quanto é gasto em média na organização dos eventos e quanto se arrecada (média/máx./mín.)?
- 5) Tem contrato ou acordo com patrocinadores ou algum outro tipo de apoio?
- 6) Tem envolvimento de outras organizações, associações ou empresas na organização dos eventos?
- 7) Qual o objetivo dos seus eventos (arrecadação, promover a prática, descobrir talentos, desenvolver o esporte)?
- 8) Os eventos tem alguma meta definida (arrecadação, número de participantes, público pagante, número de lutas etc.?)
- 9) Costuma cobrar ingresso? Quanto? Qual a média de público?
- 10) Como escolhe os participantes (inscrição, convite, indicação)?
- 11) Sempre paga bolsa aos lutadores profissionais (média/máx./mín.)?
- 12) Em alguma situação não conseguiu pagar a bolsa combinada a um atleta?
- 13) Faz algum tipo de contrato com os lutadores?

- 14) Qual sua percepção geral sobre os eventos no Rio Grande do Sul quanto a:
 - a. Organização;
 - b. Segurança;
 - c. Acomodação (público e lutadores);
 - d. Qualidade técnica das lutas e dos lutadores;
 - e. Qualidade da arbitragem;

- f. Valor das bolsas;
- g. Valor dos ingressos;
- h. Apoios e patrocínios.

15) Que impressão tem dos eventos em outros estados ou até mesmo fora do Brasil?

16) Qual julga ser a maior força/deficiência do muay thai no Rio Grande do Sul?

Gostaria de fazer algum comentário adicional?

APÊNDICE B - Roteiro básico de entrevista para os treinadores/professores

DADOS PESSOAIS

Nome	Gênero	Idade	Apelido
Equipe		Federação	
Profissão	Escolaridade	Estado civil	Cidade

- 1) Como e quando começou sua trajetória no muay thai?
- 2) Compete ou já competiu profissionalmente?
- 3) Há quanto tempo existe e como foi fundada a equipe?
- 4) É filiada a alguma federação?
- 5) Está formalmente registrada?
- 6) Qual o objetivo da equipe ou seu objetivo como professor?
- 7) Há quanto tempo participa de competições?
- 8) Já participou de eventos em outros estados ou países?
- 9) Quantos atletas em atividade possui (amadores e profissionais)?
- 10) Tem mais de um professor ou sede?
- 11) Treina em academia própria?

- 12) Recebe algum patrocínio ou algum outro tipo de apoio?
- 13) Tem contrato ou acordo (formal ou informal) com os atletas?
- 14) Planeja a carreira dos atletas?
- 15) Exige exclusividade dos atletas?
- 16) Isenta atletas profissionais de mensalidade ou cobra alguma parcela da bolsa?
- 17) Com que frequência a equipe de competição treina muay thai?
- 18) A equipe treina outras modalidades, faz preparação física ou dispõe de algum outro acompanhamento (médico, nutricional, psicológico)?

- 19) Como se atualiza sobre o mundo da luta (TV, revistas, internet, campeonatos, federação)?
- 20) Busca aprender técnicas e treinos novos? Vai a seminários, workshops, estuda lutas ou lutadores importantes?

- 21) O que pensa sobre as federações (função e importância)?
- 22) Quantas/quais federações conhece?
- 23) O que pensa sobre graduações e rituais de luta tradicionais da Tailândia? Exige que os atletas os façam?

- 24) O que acha da qualidade dos eventos no estado quanto a:
- a. Organização;
 - b. Segurança;
 - c. Acomodação (público e lutadores);
 - d. Qualidade técnica das lutas e dos lutadores;
 - e. Qualidade da arbitragem;
 - f. Valor das bolsas;
 - g. Valor dos ingressos;
 - h. Apoios e patrocínios.
- 25) Que impressão tem dos eventos em outros estados ou até mesmo fora do Brasil?
- 26) Qual julga ser a maior força/deficiência do muay thai no Rio Grande do Sul?
- 27) Gostaria de fazer algum comentário adicional?

APÊNDICE C - Roteiro básico de entrevista para os atletas profissionais

DADOS PESSOAIS

Nome	Gênero	Idade	Apelido
Equipe	Federação	Categoria	
Profissão	Escolaridade	Estado civil	Cidade

- 1) Pratica ou já praticou outros esportes?
- 2) Quando e como começou a praticar muay thai?
- 3) Quando e por que começou a competir?
- 4) Quando e como ocorreu sua profissionalização?
- 5) De quantas equipes já participou e há quanto tempo está na atual?
- 6) Quantas vezes lutou? Como está seu cartel (vitórias-empates-derrotas)?
- 7) Possui títulos ou cinturões?
- 8) Tem a carreira planejada?
- 9) Como/quem marca suas lutas?
- 10) Com que frequência luta (número de lutas por ano)?
- 11) Já lutou em outros estados ou países? Percebe alguma diferença?
- 12) Qual sua ambição no muay thai (hobby ou profissão)?
- 13) Qual seu objetivo na luta (títulos, número de lutas, grandes campeonatos, adversários)?

- 14) Com que frequência treina muay thai (número de treinos por semana, época de competição x sem luta marcada)?
- 15) Faz outros tipos de preparações (musculação, treinamento funcional etc.)?
- 16) No que consiste teu treino de muay thai? Alguma limitação ou dificuldade de treinar certas coisas?
- 17) Controla a alimentação e outros hábitos no dia a dia (álcool, cigarro, descanso)?
- 18) Faz acompanhamento nutricional, psicológico ou algum outro?
- 19) Perde peso para lutar na categoria? Quanto e de que formas?
- 20) Já passou mal em véspera de luta (devido a dieta, treino intenso, desidratação)?
- 21) Como lida com lesões e doenças (plano de saúde, convênio, médico da equipe ou particular)?
- 22) Já teve alguma lesão grave lutando ou treinando? Que tipo de lesões diria que são mais frequentes no muay thai?

- 23) Como se atualiza sobre o mundo da luta (TV, revistas, internet, campeonatos, federação)?
- 24) Busca aprender técnicas e treinos novos? Vai a seminários, workshops, estuda lutas ou lutadores importantes?

- 25) Luta outras regras (K1, low kicks, muay thai sem cotovelos)?
- 26) Recebe bolsa em todas as lutas (média, máxima, mínima)?
- 27) Aceita lutar regra profissional sem bolsa? Se não, qual a bolsa mínima que aceita?
- 28) Em alguma ocasião deixaram de lhe pagar a bolsa combinada?
- 29) Possui algum tipo de contrato formal relativo à luta (eventos, equipe, apoiadores, patrocinadores)?
- 30) Recebe patrocínio ou algum outro tipo de apoio?

- 31) O muay thai lhe traz segurança financeira, estabilidade (como lutador)?
- 32) Exerce alguma outra atividade profissional? Qual?
- 33) O que faz no tempo livre (hobby, lazer, descanso)?
- 34) Qual a opinião de familiares, amigos e colegas de outras atividades sobre a luta (reconhecem como profissão)?
- 35) Alguém do seu círculo pessoal discorda do tempo reservado para a luta?
- 36) Como se sente nas vésperas de uma luta (tranquilo, nervoso, ansioso, confiante, inseguro, irritado, alegre)? Diria que é comum a qualquer esporte? Por que?
- 37) Sente alguma mudança de acordo com o resultado de uma luta (família, equipe, eventos)?
- 38) QUESTÃO PARA ATLETAS FEMININAS: sofre ou já sofreu discriminação ou tratamento diferenciado no ambiente da luta por ser mulher?
- 39) Sofre ou já sofreu preconceito ou discriminação por ser lutador(a)?

- 40) O que pensa sobre as federações (função e importância)?
- 41) Quantas/quais federações conhece?
- 42) O que pensa sobre graduações e rituais tradicionais da Tailândia?

- 43) O que acha da qualidade dos eventos profissionais no estado quanto a:
 - a. Organização;
 - b. Segurança;
 - c. Acomodação;
 - d. Qualidade técnica das lutas e dos lutadores;
 - e. Qualidade da arbitragem;
 - f. Valor das bolsas;
 - g. Valor dos ingressos;
 - h. Apoios e patrocínios.
- 44) Que impressão tem dos eventos em outros estados ou até mesmo fora do Brasil?
- 45) Qual julga ser a maior força/deficiência do muay thai no Rio Grande do Sul?

- 46) Gostaria de fazer algum comentário adicional?

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da Pesquisa Muay Thai: Profissão e Estilo de Vida, sob a responsabilidade da pesquisadora Marília Dutra Hübner, a qual pretende analisar o muay thai no Rio Grande do Sul enquanto profissão e estilo de vida dos lutadores. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista. Se você aceitar participar, estará contribuindo com informações que auxiliem no entendimento da situação atual do muay thai gaúcho. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e possivelmente publicados, mas sua identidade, e de quem mais for citado na entrevista, não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo telefone (51) 91182122, ou pelo *email* madhubner@gmail.com.

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e por que precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do (a) Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Data: ___/___/___